



ALMA NOVA

(CAPA DE SAAVEDRA MACHADO)

Numero 20
Preço: 10. centávós

DIRECTORES LITERARIOS :

A. BUSTORFF
E MATEUS MORENO

DIRECTORES ARTISTICOS :

SAAVEDRA MACHADO
E NAVARRO DA COSTA
(Representando o Brasil)

ADMINISTRADOR :

F. D'ASCENÇÃO MENDONÇA

SECRETARIO :

JOSÉ REBELO

Propriedade, órgão e edição da
 «Biblioteca da Alma Nova»
 e Sociedade «Amigos do Algarve»

ALMA NOVA

*Revista mensal, ilustrada
 para resurgimento das*



ARTES • LETRAS.
SCIENCIAS E DA PÁTRIA
(Secções do inquerito á vida regional)

: REDACTORES :

**Carlos Pimentel, José G. Murta e
 João Rico.**

: REPRESENTANTES :

Na India : Dr. Paulino Dias — *Na*
Africa : A. R. de Sousa Lopes —
No Brazil : Ronald de Carvalho.

ASSINATURAS (Pagamento adiantado)

SEMPRE ANO
 Portugal, Ilhas e Col. 500 1830
 Africa e India 1050
 Brazil (moeda fraca) 6000
 Paises da União Postal 7 frs.

Avulso, 10 centavos

Colaboração inédita e sómente a solicitada — Respeitada a ortografia dos autores

TODA A CORRESPONDENCIA PARA A

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua da Penha de França, 12, 1.º — LISBOA

Sumário

Ano II — Dezembro de 1916 a Fevereiro de 1917 — N.º 20

: COLABORAÇÃO LITERÁRIA :

<i>A exposição de Arte da «Alma Nova»</i>	POR HENRIQUE DE VILHENA
<i>Envelhecer (soneto)</i>	POR ROLANDO DE VIVEIROS
<i>Palavras previas.</i>	POR J. LEITE DE VASCONCELOS
<i>Cancioneiro.</i>	POR JOSÉ REBELO
<i>A arte, a criança e a sua educação artistica.</i>	POR F. PARYART P. FERREIRA
<i>A paisagem portuguesa na Arte</i>	POR LUIZ CHAVES
<i>Apontamentos. Arte, artistas e perfis.</i>	POR JOSÉ REBELO
<i>Estatua do cavador (soneto)</i>	POR CANDIDO GUERREIRO

Balanço Mensal :

<i>Cronica literaria.</i>	POR A. BUSTORFF
<i>Pelos teatros.</i>	POR J. R.

: COLABORAÇÃO ARTISTICA :

<i>Estudo.</i>	POR DORDIO GOMES
<i>Etnografia artistica</i>	POR SAAVEDRA MACHADO
<i>Candeiro.</i>	POR EDUARDO ROMERO
<i>Bordalo Pinheiro.</i>	POR SAAVEDRA MACHADO
<i>Etnografia artistica.</i>	POR
<i>Menino, Posto de Pozzuoli, Uma aldeia.</i>	POR { MARTINHO DA FONSECA, NAVARRO DA COSTA e AR- MANDO DE LUCENA

. OS NOSSOS COLABORADORES

No proximo n.º publicaremos os seguintes artigos dos nossos illustres colaboradores:

Tatuagens — A marca do crime	<i>Por Albino Forjaz de Sampaio</i>
O estado casamenteiro (narrativa do seculo XVII).	<i>Por Arlindo Monteiro</i>
Um grande amigo de Camilo	<i>Por Oldemiro Cesar</i>
Depois da guerra	<i>Por Amilcar de Mascarenhas</i>
Etc., etc.	

Composto e impresso na Imprensa de Manuel Lucas Torres — R. do Diario de Noticias, 87 a 93 — LISBOA

A ABRIR

Três palavras sobre três assuntos diversos e fundamentalísimos : os Artistas-Expositores, a Exposição e o seu Catalogo.

Quem pretendêr descobrir aqui obra de Mestres, — na terminologia «cronologica» indigena, — perde o seu tempo e desengana os seus desejos. A' Exposição de Arte que a ALMA NOVA promove, — como ás que promoverá, — concorrem e concorrerão apenas Novos. Novos no sentido da tecnica artistica e, um tanto ou quanto, da idade, — mas Novos que não são principiantes. Pelo contrario, na sua maioria são artistas consagrados em inumeras Exposições nacionaes e estrangeiras e até com honras de Musêu.

*

Complicações de varia especie, — que a seu tempo terão a publicidade condigna, — e, principalmente o facto de se tratar da 1.^a tentativa para tão difficil feito, — provocaram e desculpam o esquecimento de alguns, bem raros, espiritos da mais estranha e valiosa arte. Esquecêl-os não significa menosprezal-os. O nosso convite, que lhes não nobilitaria o nome, deixou apenas de sêr feito pelos motivos que expostos ficam e atendiveis são.

Alguns dos trabalhos expostos, — pouquíssimos, — são já do conhecimento publico. Reexpõem-se, porém, porque são obras de merito e de profunda tecnica, sempre novas, portanto, e dignas de uma publicidade crescente.

*

Pensâmos que até hoje, em Portugal, se não compreendeu o papel deste orientador do publico visitante de certamens artisticos de character colectivo. Tem sido sempre, ou quasi sempre, um confuso *cicerone*, detalhador dos numeros e designações dos quadros expostos ; deveria sêr o Mestre, o Iniciador, o Preparador da creatura que vae comungar durante uns instantes com as emoções, plasticamente reproduzidas, de cada um dos Expositores, — substituindo-se á *critica* facil do jornalismo barato e videirinho, e ás indicações «imparciaes e peritas» do primeiro amator de Arte audacioso, que imponha os seus dictames a parentes ou amigos.

A par de tudo isto, — Guia do Publico e freio dos mal-intencionados ou ingénuos, — tem o Catalogo de sêr variado, interessante, elucidativo, illustrado com opiniões de capacidades e verdadeiros criticos de forma a explicar as orientações dominantes entre os artistas que expõem, fazendo-as senão amar, pelo menos conhecer e respeitar pelo observador que, percorrendo a Exposição, sobre elas nada sabe e, portanto, olhando as obras que as traduzem, — pouco ou nada vê.

A isto nos propômos.

Não temos, no entanto a pretensão de havermos realisado o plano que ai fica : tentamol-o apenas. Resta-nos a alegria de o termos proposto e a esperanza de que, no Futuro, o viremos a realisar.

A DIRECÇÃO.



ALMA NOVA

REVISTA MENSAL ILUSTRADA

DE

Arte, Sciencias e Literatura

* * DIRECTORES * *

LITERÁRIOS :

A. BUSTORFF * E *

MATEUS MORENO * *

ARTÍSTICOS :

SAAVEDRA MACHADO

NAVARRO DA COSTA

Administ. : A. MENDONÇA

Lisboa, dezembro de 1916 a Fevereiro de 1917. Ano II — N.º 20

Exposição de Arte da ALMA NOVA

A Direcção da *Alma Nova* convidou-me a apresentar a exposição artística que promove e que é particularmente dirigida por um dos Directores, o distinto artista Saavedra Machado.

A escolha que fizeram do meu insignificante nome para firmar este pequeno artigo de apresentação da exposição e dos expositores, é uma prova de estima que sobremaneira me honra e que aceitei para a não iludir como tal e pelo entusiasmo com que sinto todas as belas e sãs iniciativas.

Disseram-me aqueles meus caros amigos que os expositores a quem já haviam comunicado a sua escolha, que eu pretendo benevolente, tinham mostrado um inequivoco contentamento. Apresentam trabalhos muitos artistas que foram meus discipulos na Escola de Belas Artes: por exemplo, Maximiano Alves, Frederico Aires, Carlos Bonvalot, Adriano Costa, Dordio Gomes, Martinho da Fonseca, Armando de Lucena, Gil Romero, Raul Xavier e o proprio Saavedra Machado. Ainda que meus discipulos numa cadeira auxiliar do seu curso (Anatomia artistica), num ou dois fugitivos anos, dêles me lembro sempre com affecto e imodestamente me orgulho de nos seus espiritos me terem guardado uma nobre simpatia, e nos seus corações uma delicada amisade. Alguns ainda por vezes me procuram para mostrar-me os seus trabalhos, dos seus projectos artisticos me falam com o calor e o suave senti-

mento de uma confidencia e comigo trocam impressões. Mais um motivo para que eu não pensasse em eximir-me à amabilissima solicitação dos Srs. Directores da *Alma Nova* e para que, pelo contrario, a aceitasse com o ânimo grato e contente.

São tambem expositores outros artistas, alguns já bem conhecidos do público e que dêle teem merecido admiração e simpatia. Todos junto numa só menção, não procurando isolá-los ou agrupá-los, indicando os seus meritos especiais, as suas caracteristicas e tendencias artisticas, a sua orientação espiritual, e o que de cada um pode merecer a gratidão daqueles para quem a obra de arte é um motivo de elevadas emoções. Se o fizesse, neste breve e tão simples artigo, certamente cometeria injustiças, posto que involuntarias, e erros que não seriam desculpaveis. São os seus nomes: Alves Cardoso, Navarro da Costa, Diogo de Macedo, Alberto de Lacerda, Stuart Carvalhaes, Samora Barros, Constancio G. da Silva, José Leitão de Barros, Armando Navarro (João Carioca), Joaquim Lopes, Mario de Sousa Maia, Rui Sedas Pacheco, Paulino Montez, D. Margarida d'Alcantara, D. Maria Alice de Matos Carneiro, D. Maria A. Pires Chaves, e D. Milly Possoz, de uma visão muito original.

Na presente exposição permito-me solicitar um pouco a atenção do visitante para uma forma de expressão artistica que entre nós,

segundo me parece, não tem sido sempre bem apreciada. E' a dos esboços e esbocetos, quer sejam estudos que se destinem como elementos a maiores composições, com o caracter da obra que se perfaz em sua realização, quer sejam meras notas e apontamentos ocasionais do artista, sem obediencia a um projecto consciente e que sistematicamente se procura executar. Uns e outros considero cheios de interesse; neles podem apreender-se bem a primeira intuição do artista e as suas emoções espontaneas; e se comparados com a obra realizada — chamemos-lhe assim, — denunciam o que se sobrepõe àquelas emoções, de reflexão, de método e de cultura. Com isto possuem um valor estético intrinseco, podendo apresentar uma originalidade de emoção que muitas vezes o artista, querendo aperfeiçoar e cultivar, em emendas sucessivas, altera prejudicialmente e estraga. Podem ser, pois, interessantes documentos psicologicos e manifestações curiosas e cativantes da emoção estética.

Peço tambem a atenção do visitante para a reprodução artistica de documentos de caracter scientifico. Sobre a importancia dêste facto, scientifica e artistica, permitir-me-hei tambem algumas breves palavras. O homem de sciencia sente o objecto e os meios da sciencia que professa com uma emoção semelhante à propria do artista, com uma emoção estética. E' bem desprezível o sorriso de desdém do homem que artista se pretenda pelo documento ou objecto scientifico e ainda propriamente — com

clareza o digo — pelo seu caracter estético. E o artista que consegue compreender e sentir a expressão scientifica mesmo como expressão estética, é-o verdadeira e elevadamente.

Tem alem disso esta forma de applicação do sentimento estético uma natural consequencia que deve ser gratissima ao homem de sciencia e ao artista e, por isso, a todos nós que na vida colhemos do seu espirito alguns dos mais generosos influxos. Ela significa realmente um trabalho de colaboração em que artista e cientista mutuamente se aperfeiçoam, enobrecem e completam; a obra comum resulta mais bela, mais perfeita, mais fecunda. Acodem-me à memoria alguns exemplos de semelhante e frutificadora colaboração, — que não cito para não demorar estas singelas e resumidas palavras.

Dirige a presente exposição de arte Saavedra Machado. Não podia deixar de lhe fazer uma menção especial. Sobre êle direi, com muita simplicidade mas com toda a justiça: é um espirito simpatico de artista, é um trabalhador sincero, cheio de merecimento e modestia.

Agora, ao leitor e aos Srs. Directores da *Alma Nova* permito-me perguntar: Tendo pretendido apresentar ao público a actual exposição de arte e os distintos expositores, não se deu realmente o facto de serem êles que ao público me apresentam e recomendam?

16-I-1917.

HENRIQUE DE VILHENA.

† † †

Envelhecer

De nada sei mais triste nesta vida
Do que o sentir-se a gente envelhecer...
Uma após outra as ilusões perder,
Sem conseguir sustar-lhes a partida!

Confrange o coração olhar e ver
Do cimo da Colina percorrida,
Que o melhor já passou... e que a descida
Para a cova teremos de fazer...

— Felizes dos que morrem em creanças,
Porque levam consigo as esperanças
Que o Tempo não roubou á sua idade!...

— Felizes dos que nunca conheceram
Uma desilusão, e não sofreram
A angustiosa morte da saudade!...

Ilha de S. Miguel.

ROLANDO DE VIVEIROS.



ESTUDO INEDITO PARA O QUADRO
«NOITE DE NATAL»

CARVÃO
DE
DORDIO GOMES

Palavras prévias

Os primorosos desenhos e aguarelas expostos pelo Sr. Saavedra Machado representam objectos do Museu Etnologico Português, que formam dois grupos: um de Arqueologia, o outro de Etnografia.

Nos objectos archeologicos temos instrumentos prehistoricos (idades da pedra lascada e polida), protohistoricos (idades do bronze e do ferro), e romanos: a maior parte d'elles foram achados em Portugal, outros provêm da cidade de Numancia (na Hespanha), conquistada aos iberos por Scipião Emiliano no anno de 133 antes de Christo. Os objectos portugueses dão ideia da successão cronologica das civilizações que se estabeleceram no nosso solo desde os alvares da Prehistoria até o sec. II ou III da era cristã: instrumentos de trabalho e de guerra ou de caça, uma conta de colar, vasos de barro, uma *quadriga* de bronze, que serviria de insignia militar, uma *lucerna* ou candeia; os de Numancia («fibulas» variadas, de bronze) servem no Museu para com elles se estabelecer comparação com objectos similares, apparecidos cá.

Os objectos ethnograficos, com excepção do de ferro, que é um *cavalo* ou *gato de chaminé*, tal como se usava outr'ora, e ainda por vezes se usa hoje, na «terra Transtagana»¹, devem-se á habilidade de pastores do Alentejo e da Beira: colhéres, *cornas*, um vaso, uma caixa do rapé, ganchos-da-meia ou teceadores, um agulheiro, um *cossoiro* ou volante de fuso, um par de castanhetas ou *trancanholas*. São de madeira, chifre e cortiça, talhados engenhosamente á navalha. A provincia em que os objectos d'esta especie mais abundam é o Alentejo: os pastores alentejanos podemos chamá-los verdadeiros artistas; os das outras provincias tambem fabricam objectos de uso, e os enfeitam, mas os labores não saem, em geral, tão acabados: dir-se-hia que obedecem quasi sempre a um mero costume avoengo, sem outro intuito, ao passo que os da primeira provincia, embora tambem tradicionais, traduzem sentimentos de Arte propriamente ditos.

Destinando-se o Museu Etnologico á educação e instrução do público, pela apresentação permanente de documentos que ou se referem ao viver do nosso povo, na sua fase actual, ou ao das gerações que nos precederam¹, comprehende-se que Saavedra Machado tivesse a feliz ideia, que teve, de expôr ao público alguns dos quadros que havia feito de objectos ali existentes. Assim se auxilia a missão d'aquelle instituto scientifico, pois que os objectos, interpretados magnificamente pelo delicado artista que é Saavedra Machado, dobram em valor.

J. LEITE DE VASCONCELLOS,

Director-organizador do Museu Etnologico Português.

¹ Við. *O Archeologo Português*, t. XIX. pg. 389, e est. II, fig. 6; e cfr. o meu livro *De Campolide a Melrose*, Lisboa 1915, pg. 39 e nota, e fig. 30.^a.

¹ Við. *Historia do Museu Etnologico Português*, Lisboa 1915, pt. I, II e IV.



CANCIONEIRO

Amôr em cinzas, depois
Se alguém o vem despertar:
— E' como as azas partidas
Que ainda tentam voar!

Ditoso de quem vivendo
Na descrença e na incerteza,
Ainda pode encontrar
Alegria na tristeza...

Grande poeta é aquele
Que ao rimar o que ele sente,
Deixa em seus versos chorando
A alma de toda a gente!

JOSÉ REBELO.

A arte, a criança e a sua educação artística

A arte, qualquer que seja a sua manifestação que se encare, é uma necessidade, mas uma grande necessidade, absoluta, para o bom, para o harmonioso desenvolvimento da alma infantil, alguma coisa de que carece o intelecto do pequenino ser para a sua completa e mais rápida evolução.

A arte, com tôdas as suas convenções, com tôda a imaginação de que depende e que promove, é bem para a criança, para o seu espírito, para a sua educação, porque é conforme a sua psicologia: porque a arte muito tem de jogo, o *prazer estético*, dizendo como Groos, repousa numa espécie de imitação interior que não é senão um jogo, que como o jogo implica uma auto-ilusão e constitue um enriquecimento do ser, uma satisfação de tendências profundas.

Encarando bem a vida da criança, a vida *real* de uma criança normal, é tudo quanto há de mais artificioso, de mais imaginativo, seja-me permitido dizê-lo, de mais artístico!

Todos nós que temos filhos, notamos em seus diversos jogos e brinquedos, em todos os seus folgares, que quando os executam, vivem num mundo diferente, artificial, longe, bem longe do nosso. Aqueles que não veem no seu lar saltar crianças, recordando tempos idos, os tempos da sua infância, talvez, como também nós, se lembrem das estranhas impressões, que a boneca, o soldado de chumbo, o carro, o barquinho, etc., lhes originavam, levando-os a um recolhimento onde hoje só uma boa produção artística consegue conduzir.

A criança é artista por temperamento. Imaginativa, sobre um pequeno tema ela fantasia as mais inesperadas concepções; possuindo uma bela faculdade de imitação, um dos melhores pontos de apoio para o desenvolvimento da sua mentalidade, ela procura por tôda a parte modelos a copiar, fórmulas a aplicar e sobre que as aplicar.

Em tais condições, como promover a educação artística da criança?

A criança ama, é verdade, o *belo*, mas o *belo natural*, a sua arte é principalmente a que repousa na imitação da natureza, pela contemplação das obras e fenómenos naturais, e na imitação da vida do adulto.

Ela gosta de contemplar um pôr do Sol, um bom luar, o rebrantar da onda na praia, — e desenha conforme sabe um Sol, uma Lua,

etc.; ela presencia a vida em casa, na rua, na escola, — e brinca às *senhoras*, às *visitas*, às *mestras*, etc. E com que realce, com que beleza, uma criancinha de quatro ou cinco anos não arma, muita vez, e sustenta uma conversa como as que ouve a sua mãe, ou seu pai, não faz de professora ou de aluna, não faz de mãe, de filha, de mulher e de criança, imitando-os e imitando-se!? Entretanto não aprecia um quadro como deve, uma escultura, etc., e porque estes não estão ainda ao seu alcance pelo convencionalismo que desconhece, em que não foi ainda iniciada.

O que é pois necessário?

E' necessário pôr a criança em presença das obras dos grandes artistas, das obras dos escultores, dos pintores, dos músicos, dos poetas, dos grandes prosadores, fazendo-lhas compreender, amar.

E' certo porém que não se lhe devem apresentar abruptamente êsses trabalhos, — mas encaminhemola para que a ocasião propícia apareça depressa, e isto por meio de boas ilustrações nos livros que se lhe passem às mãos, de bons versos, de boa prosa, por meio de música agradável que se lhe ensine, simples mas de boa estética, por meio de danças atraentes e belas. E assim teremos a educação do seu ouvido, dos seus olhos, a boa coordenação dos seus movimentos, a preparação indispensável para a contemplação das obras-primas.

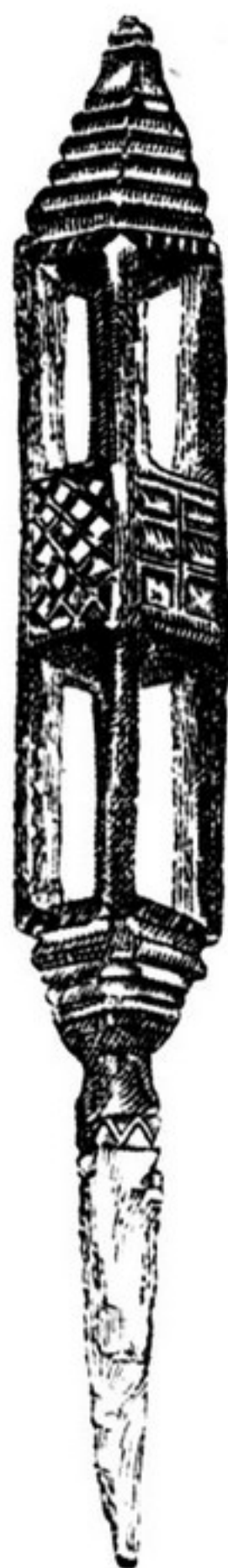
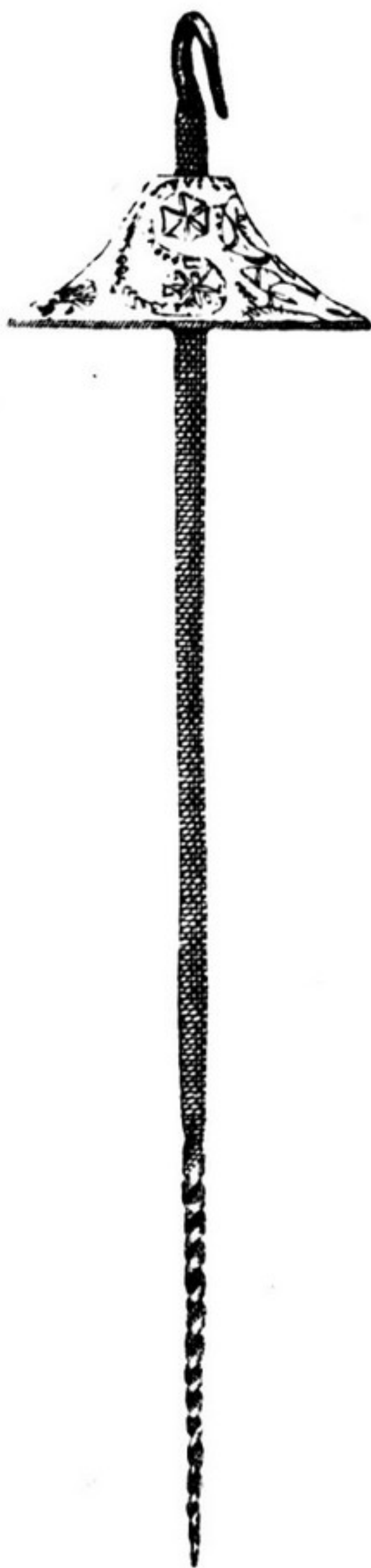
Em seguida, as récitas, os concertos, os museus e as exposições. Mas sómente, recitas, concertos, museus e exposições que lhe sejam próprios, e onde a criança compareça não por *snobismo* dos pais ou dos mestres, mas para vêr, para aprender a conhecer a relação *natureza-arte*, iniciar-se, e para isso acompanhada de quem saiba tirar partido dos trabalhos expostos em face de uma mentalidade infantil.

E' pois a educação artística da criança um problema para cuja solução é necessário muito amor por ela, a compreensão nítida do que seja a arte e a psicologia infantil, e ter êsse *dom* que nem a todos é concedido de saber falar, apontar cousas, fenómenos, etc., etc., aos pequeninos.

Belem, Dezembro de 1916.

FERNANDO PALYART PINTO FERREIRA

Professor na Casa Pia de Lisboa e publicista.



Faces duma caixa de chifre.
 Fuso de ferro com cossoiro de madeira, ornamentado — Do Sul.
 Furador de madeira.
 Agulheiro de madeira — Sonzel.
 Gancho de meia ou tecedor — Souzel.
 Amuleto — Extremadura.
 Peso de tear — Extremadura.

A paisagem portuguesa na Arte

Onde a inspiração artística denota maior esforço productivo, é na paisagem. Porque representa maior grau de sensibilidade, tão ténue e subtil é a sensação recebida, deveria de nascer o genero pictural, que a tivesse por objecto, quando e onde o espirito do artista o podesse comprehender. E assim foi. Avêssos ás theatralizações pomposas do Renascimento humanista da Italia, os Flamengos, sentindo-se mais pertô da terra, por instincto mais realistas, apprehenderam a poesia da Natureza, cheia de simplicidade, mysterio, segredo, e por isso mais delicada, que a das symphonicas criações mythologicas. «*On découvre la nature; les écailles tombent des yeux*», diz Taine,¹ ao falar da Flandres do seculo XV.

A pintura de genero, de paisagem, e de interior forma-se na arte flamenga.² E' ali uma arte nacional, como depois na Hollanda tambem. Ainda o progresso vae lento, desde as paisagens phantasticas de Bles e Patenier, os pittorescos da escola de Malines, ao realismo da de Antuerpia, á «lei dos tres tons» de Coninxolo (XVI-XVII), a Segers, Ruysdaël, etc.³

Na historia da Arte, o seculo XVII podia, bem propriamente, intitular-se de «seculo da paisagem»; ou de «idade da paisagem» a quadra dos seculos XVI-XVII, ou ainda XVI-XVIII, e talvez com maior precisão a de XVII-XIX.

O certo é que a «paisagem» se propagou, lentamente para o Sul em lucta com o classico de Italia, mas absorvente no Norte. Não admira a lentidão, quando um *pontifex maximus* do Renascimento greco-romano, que foi Miguel Angelo, condemnava a paisagem nórdica.⁴ Ella cá nos veio enfim por influencia francesa do seculo passado, que foi em França a grande vida e concepção da «paisagem».

Os iniciadores em Portugal foram Silva Porto, Anunciação e Arthur Loureiro. Fizeram pintura portuguesa, moderna, leal, sincera. E Silva Porto deve de ser considerado o maior mestre da actual época artistica, o que mais impulso de prestigio e trabalho deu á nossa pintura.⁵ Foi mestre, em pessoa cu em obra, de todo o paisagista português. Seguiu-se-lhe o espirito delicado de *petit-maitre* hollandês, de Alfredo Keil (recorde-se d'elle a exposição posthuma, de Abril de 1912).

Dos «Mestres» de hoje, todos ou quasi todos, fazem paisagem. Quando não, já a fizeram. Os «novos», os que vão ainda no principio da sua carreira artistica, são discipulos de Carlos Reis e Velloso Salgado, na maioria, ou de Columbano: paisagistas que são os dois primeiros, paisagista que foi o terceiro. Se não é velha a nossa escola de «paisagem», e não tem sido numerosos os seus artistas, em compensação ha hoje uma boa e esperançosa ala de rapazes, que lhe dão o maior apreço, ou fazem d'ella a unica essencia da arte que cultivam.

D'entre todos e antes de todos, sobresahe um artista de uma pujança formidavel. Já morreu. Da obra pequena mas de alto valor, que deixou, admira-se a perfeição attingida, que se não vê aonde fosse ainda, se elle mais um pouco vivesse. Ricardo Ruivo foi um mysterio e um bolido que passou pela nossa arte. Cito-o entre os paisagistas, porque nos ficou d'elle uma «paisagem», que é um cumulo de belleza. A natureza dorida de um campo ao crepusculo da tarde, raro, tenebroso, envolto na neblina azul, opaca, da noite, horizonte afogueado; e uma arvore triste, derreada, num morro, batida pela ventania; — é um tormento. Fôra o estudo para a «paisagem», em que se moveriam as tres figuras vibrantes dos *Christãos*, que fogem á perseguição dos Cesares, do quadro collossal, que a Morte lhe não permitiu acabar. Discipulo de Columbano, fez a mais sentida, a mais potente «paisagem» da escola portuguesa.

O numero avultado de pintores da nossa terra classifica-se facilmente pelos «mestres». Mas a paisagem clara, turgida, malhada de contrastes ora suaves, ora violentos, de Portugal, de um sol dourado e alegre, influencia a maior parte. Os discipulos de Carlos Reis e os de Salgado tem a côr aberta, illuminada dos «Mestres», mais contrastada e luzente nos do primeiro, mais vibrante, colorida, risonha, ensoalhada, nos do segundo. O pintor Armando Lucena trouxe do mestre, que foi Carlos Reis, o gosto dos contrastes; levou-o porém ao seu temperamento, e fez-se o paisagista de tons dolorosos, esmaecidos, do outomno: em 1912 expôs quadros de «paisagens do outono, do Alentejo e Beiras», em que toda a poesia triste, elegiaca, dos poentes, ceus e terras outomniças, desbordava.

A *facies* nostalgica, embebida da tristeza magoada dos crepusculos, dos outomnos, do inverno, da névoa, ou cheia da luz trágica de tempestades, constitue a feição esthetica de mais tres paisagistas. Saa-vedra Machado tem um temperamento afinado pelo diapásão do *Angelus* e da *Pastorinha de carneiros*, do sensitivo Millet. Dordio Gomes, discipulo de Salgado, como que solidificou o brilhante colorido do «mestre», adquirindo uma mancha baça, propria do Alentejo, quer na chapada violenta do sol abrasador, quer na epoca fria das chuvas e ventanias (Ver no *Catalogo* da Exposição da Sociedade Nacional de Bellas Artes, de 1916, os n.º 62 e 63; de 1915, os n.º 147 e ss.; 1914, os n.º 119 e ss.). Alfredo Migueis, que teve por «mestre» Columbano, conservou d'elle umas tintas mates, e aproveitou-as na representação de paisagens sombrias, mysteriosas e humidas.

Os mais, todos os outros, riem como o sol sobre a paisagem. Tem côres vivas, tem sol claro, horizontes limpidos e crystallinos. Raro se embrenham na dôr dos crepusculos, ou na morte das nevoas.

Discipulos de Carlos Reis, ahi estão entre os primeiros paisagistas Alves Cardoso, pintor de genero e retrato, e Frederico Ayres, que faz especialidade profissional da «paisagem», cujos quadros são delicias; do primeiro vejam-se no *catalogo* da Exposição da Sociedade Nacional, de 1916, os n.º 19 a 21; e na de 1914, os n.º 15, 22; do segundo, na de 1916 os n.º 24 e 30 em especial, e em 1915, os n.º 39 e 47. Compõem este bando: Alberto de Lacerda (1914

¹ H. Taine, *Philosophie de l'Art* (13.ª ed.), t. II, pag. 18.

² H. Taine, *Op. cit.* II, 38.

³ André Michel, *Histoire de l'Art*, vol. V, 1915, cap. XVIII, II n.º 2, *Le paysage*, no est.º de Louis Gillet, *La peinture dans les Pays-Bas à la fin du XVI.º Siècle*, p. 867 e ss.

⁴ And. Michel, *Histoire de l'Art*, loco cit. p. 867.

⁵ Foi organizada uma «Sociedade de Silva Porto», com o fim de impôr o gosto e cultivo da paisagem. Fez excursões, que produziram expositórios; criou paisagistas, e bons serviços prestou á Arte.

n.º 174 e ss), João Reis (1915, n.º 274 e ss), Abel Manta com um bello colorido (1916, n.ºs 93-95; 1915, n.º 219; 1914, n.º 201), Adriano Costa (1915, n.º 124 e ss), Falcão Trigo, o paisagista do Algarve (exposição de 1912, na «Galeria Bobone»), Antonio Saude (1916, n.ºs 166 a 168), e Sousa Maia, José Campas, Ruy Vaz, Abel Santos.

De Salgado foram discípulos, e fazem «paisagem», mais ou menos accidentalmente: Carlos Bonvalot (1914, n.º 41 e ss), José Joaquim Ramos (1915, n.ºs 258, 259; 1915, n.ºs 284-85, em nove impressões do

Lisboa, 24 de Dezembro de 1916.

Minho e do Algarve, forles de côr), Alves Catalão (1916, n.ºs 71 e ss; 1915, n.ºs 30, 31), Eduardo Viana (1914, n.ºs 459 e 460), A. Sousa Lopes, Samora Barros.

Discipulos de Columbano pintam paisagem, Martinho Gomes da Fonseca, que se estreou na exposição da Sociedade Nacional de 1916 (*Catalogo*, n.ºs 77 e 78), e Manuel de Araujo, além de Ricardo Ruyvo e Alfredo Migueis, citados em especial.

Por esta rápida resenha se vê que a escola portuguesa de paisagem, embora em formação ainda, tem já um bom nucleo de cultores.

LUIS CHAVES.



APONTAMENTOS

Como eu vejo e sinto a arte. Os novos artistas e os meus perfis

I

A tradição e a raça

CADA ARTISTA tem um temperamento e cada temperamento manifesta-se com uma arte propria. Mas a arte não é só o artista, é a epoca e o meio em que o artista vive, é a raça a que o artista pertence. A arte que é só o artista pode agradar um momento, pode ser grande num momento, mas cae e esquece por fim, porque o artista não deixa de ser um homem, e o homem é a sombra de si proprio — passa e desaparece. Dia a dia, ininterruptamente, o meio modifica-se e transforma-se, mas modificando-se e transformando-se vae lançando as raizes da Tradição. A Tradição é a razão de ser dos meios e das epocas, porque as fecunda com a sua vida. Sem tradição uma epoca não pode originar outra epoca. Viver uma epoca é viver todas as epocas passadas. A vida humana é curta? Mas quantos seculos não vive o homem nos seus breves dias?!

E a raça? A raça é a individualidade extensa, é a imprecisão, isto é, a ilimitação dos individuos que teem almas de uma só Alma, que em todos os seus actos accusam a influencia e o impulso duma força que atravessa os seculos e vem, sempre nova e sempre forte, do passado para o presente a caminho do futuro. E' a alma da Raça. Principia na raça e acaba na mesma raça. Imprecisa-se, separa-se, ilimita-se. E' como o infinito que nos cerca. Principia e acaba dentro da sua propria essencia. O seu fim é o seu principio. Ao infinito nada se liga. O infinito é só infinito e só com infinito se pode medir. Assim é a alma da Raça. A uma raça nada se liga. Tem infinito, não se transpõe. Não morre nunca. E muito embora desapareçam os individuos que a representam, ela continua. A Grecia ficou, Roma ficou tambem. Foram grandes, tiveram infinito. Infinito é o que não acaba. Fica e perdura. Juntem-lhe outros individuos, outro sangue, outros temperamentos e ela fica sempre. Aos lusitanos dos Herminios vieram os Arabes e vieram outros povos. Mas a aventura ficou. O sonho da gloria continua, a esperança leva-nos ainda. A alma da nossa raça é a mesma. A alma lusiada é infinita...

II

O genio e as epocas

UM GRANDE ARTISTA é um conjunto, é uma synthese. Pelo talento? Não, o talento é a consciencia. E' pelo genio que é a grande inconsciencia. A inconsciencia é a synthese.

Camões foi um genio. Viveu uma epoca, representou uma epoca. Uma epoca é a synthese das que passaram e das que hão de vir. O presente é tambem futuro. E Camões foi um genio porque no seu presente teve o passado, tocou o futuro. Silva Porto foi tambem um genio. Camões escreveu, Silva Porto pintou. As côres são tambem palavras. Só sabe pintar quem sabe fazer falar as côres. Silva Porto pintou nas suas paisagens uma epoca da alma portuguesa. As epocas não morrem, continuam-se. Continuar é ficar ainda. Silva Porto dando a sua alma ás telas, deu ás telas a alma portuguesa. Silva Porto tinha Portugal na sua alma imensa.

III

A arte soberana e eterna

A ARTE é a Beleza Unica. Para a Sentir é preciso comprehende-la. Não bastam os olhos, é necessario Alma. Vista e sentida a Arte, comprehendê-la-hemos.

A pintura e a escultura teem dentro em si o infinito. Abraçam horisontes, dominam o universo. Mas a pintura só é sentida e comprehendida pelos iniciados. A iniciação como a obtemos nós? Estudando primeiro a Natureza, sabendo depois o que é a Arte, na sua verdade e na sua fantasia, que é tambem uma verdade, mas que creamos no nosso sonho e na nossa emoção.

Ora a escultura insinua-se, revela-se, descobre-se a todos os olhos, a todas as intelligencias. E' forte e poderosa. Avassala todos, comprehendem-na todos. E porque? Porque se explica a si propria. Tem consigo o comentario e a critica.

E a arte tendo o infinito possui a immortalidade.



CANDIEIRO

De
EDUARDO ROMERO

CATALOGO

DA

Exposição de arte promovida pela revista

ALMA NOVA

SOB A DIRECÇÃO DE

Saavedra Machado

ALCANTARA (D. MARGARIDA D')

Discipula de Simões de Almeida (sobrinha)

ESCULTURA :

N.º 1. *Cabeça de rapariga pensando*, (para vender a favor da «Alma Nova») 50\$00

N.º 2. *Cabeça de velho* (estudo), bronze... 200\$00

» 3. *Cabeça de velha* (estudo), gesso patinado 100\$00

ALVES CARDOSO (ARTUR)

Discipulo de Carlos Reis e F. Dorman. 1.ª medalha, pela Sociedade Nacional de Belas Artes
Medalha de ouro na Exposição Panamá Pacifico

PINTURA :

N.º 4. *Roma antiga* 25\$00

» 5. *O negrilho* 30\$00

» 6. *Canto d'aldeia* .. 40\$00

» 7. *Trecho de Veneza* 45\$00

» 8. *Paisagem* 25\$00

» 9. *Segando o centeio* 45\$00

N.º 10. *Outono* 140\$00

» 11. *Paisagem* 50\$00

» 12. *O Monte (Alentejo)*.. 180\$00

DESENHO :

N.º 13. *Estudo a carvão*, (para vender a favor da «Alma Nova»)..... 30\$00

ALVES (MAXIMIANO)

Discipulo de Simões de Almeida Junior, 3.ª medalha pela Sociedade Nacional de Belas Artes

ESCULTURA :

N.º 14. *Silfe* (esquisso) (para vender a favor da «Alma Nova») 50\$00

N.º 15. *Desprezada* (esquissos).

N.º 16. *Inveja* (maquette), (na colecção de Martinho da Fonseca)

N.º 17. *Nostalgia* 400\$00

» 18. *Funerea Beatriz de mão gelada* } .. 70\$00
» *Mas unica Beatriz consoladora* }

AYRES (FREDERICO)

Discipulo de Carlos Reis. Menção honrosa pela Sociedade Nacional de Belas Artes

PINTURA :

N.º 19. *Poente*, (para vender a favor da Alma Nova) 30\$00

N.º 20. *Crepusculo no Tejo* (na colecção de Saavedra Machado).

N.º 21. *Tarde de Dezembro* (na colecção de José Rebelo).

BARROS (SAMÓRA)

Discipulo de Vitorino Salgado

PINTURA :

N.º 22. *Feira da Guia*, (para vender a favor da Alma Nova). 50\$00

N.º 23. *Rochas (Algarve)*, (para vender a favor da «Alma Nova») 30\$00

DESENHO :

N.º 24. *Cabeça de mulher* (na colecção da Alma Nova).

BARROS (JOSÉ LEITÃO DE)

N.º 25. *Estudo de côr para a doca do Entrepasto* 20\$00

N.º 26. *A fortaleza de Peniche* (pertence ao ex.º sr. conde de Fontalva.

N.º 27. *O Redondo-Peniche* 15\$00

» 28. *Estudo* (pertence ao pintor João Reis

N.º 29. *Estudo* 20\$00

» 30. *O cemitério dos Ingleses* 20\$00

» 31. *O Pateo das Mósas (Mouraria)* ... 20\$00

» 32. *A mulher do mantelete*. 25\$00

» 33. *Natureza Morta*..... 25\$00

BONVALOT (CARLOS)

Discipulo do Veloso Salgado. 2.^a medalha pela Sociedade Nacional de Belas Artes

PINTURA :

N.º 34. *Magdalena* (na coleção do ex.^{mo} sr. Pereira de Sampaio).

PASTEL :

N.º 35. *Natureza morta*, (para vender a favor da Alma Nova) 30\$00

CARNEIRO (D. MARIA ALICE DE MATOS)

N.º 36. *Uma «alminha» minhota* (para vender a favor da «Alma Nova») 20\$00
N.º 37. *Sol na Eira* 20\$00
> 38. *Retrato*N.º 39. *Espigueiro rustico* 20\$00
> 40. *Casa minhota* 20\$00
> 41. *Retrato*

CHAVES (D. MARIA A. PIRES)

Discipula de Ezequiel Pereira

N.º 42. *Estudo* (para vender a favor da «Alma Nova») 40\$0⁰

COSTA (NAVARRO DA)

Artista brasileiro. Discipulo de R. Amoedo, Pratella, etc.

Menção honrosa e medalhas de bronze e prata no Rio de Janeiro, e primeira medalha na Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa

PINTURA :

N.º 43. *Marinha* 50\$00N.º 44. *Marinha* 70\$00
Ambas para vender a favor da «Alma Nova».

COSTA (ADRIANO)

Discipulo de Carlos Reis. Menção honrosa pela Sociedade Nacional de Belas Artes

PINTURA :

N.º 44-A. *Inverno* 60\$00
> 45. *Choupos* (para vender a favor da «Alma Nova») 25\$00
N.º 46. *A porta nova* (Evora) 45\$00
> 47. *Casa do pescador* (Azenhas do mar) 30\$00
> 48. *A casa do rio* 30\$00
> 49. *Um canto* (Sintra) 40\$00N.º 50. *Pochádes* { a) *Madrugada* 20\$00
 b) *Lavadeiras* 20\$00
c) *Poente* 20\$00
d) *Estudos* 18\$00
e) *Lavadeiras* 18\$00
f) *Lavadeiras* 18\$00
N.º 51. *Moinho dos Gáfos* (Torres Novas) 50\$00
> 52. *Uma rua* (Torres Novas) 30\$00

1 São vendidos com as respectivas molduras.

DORDIO GOMES (SIMÃO CESAR)

Discipulo do Veloso Salgado e J. P. Laurens. Medalha de 2.^a classe pela Sociedade Nacional de Belas Artes

DESENHO :

N.º 53. *Estudo inedito para o quadro «Noite de Natal»*N.º 54. *Estudo inedito para o quadro «Noite de Natal»*
Ambos na coleção de Saavedra Machado.

FONSECA (MARTINHO GOMES DA)

Discipulo de Columbano Bordalo Pinheiro. 2.^a medalha em pintura e desenho pela Sociedade Nacional de Belas Artes, e de bronze na Exposição Panamá Pacifico

OLEO :

N.º 55. *Entardecer* 85\$00
> 56. *Campo de milho* (Barcelos) 75\$00

PINTURA :

N.º 57. *O adeus do Sol* 65\$00
> 58. *Leda Surpreendida* 560\$00
> 59. *O Modelo* 280\$00

PASTEL :

N.º 60. *Sorriso* 180\$00
> 61. *Saudade* 170\$00
> 62. *José Rebello*

DESENHO :

N.º 63. *Relijiosa* (para vender a favor da «Alma Nova») 35\$00
N.º 64. *Jocosa* (para vender a favor da «Alma Nova») 30\$00
N.º 65. *Mulatinha* 25\$00
> 66. *Pobre* 30\$00
> 67. *Sylphe* (evocação de um bailado grego) 110\$00

ESCULTURA :

N.º 68. *Prece* (maquete).
> 69. *O desejo* (maquete).
> 70. *O desejo* (bronze) 190\$00

JOÃO CARIOCA (ARMANDO NAVARRO)

CARICATURA :

N.º 71. *Auto caricatura* 15\$00
> 72. *Auto caricatura* 15\$00
Ambas para vender a favor da «Alma Nova».N.º 73. *João do Rio* 15\$00
> 74. *João em Lisboa* 15\$00

PINTURA :

N.º 75. *Ponta do Cajú* (Rio de Janeiro) ... 20\$00

LACERDA (ALBERTO PORTUGAL CORREIA DE)

Discípulo de Carlos Reis. Menção honrosa pela Sociedade Nacional de Belas Artes

PINTURA :

- N.º 76. *Ao cair da tarde* 50\$00
 > 77. *Santa Clara a Velha* (Coimbra) .. 40\$00

DESENHO :

- N.º 78. *Cabeça de velho* (para vender a favor da «Alma Nova») 52\$00

LOPES (JOAQUIM)

Discípulo de Marques de Oliveira

PINTURA :

- N.º 79. *Apontamento para um retrato de Oldemiro Cesar*.

- N.º 80. *Moinho do curral* (Gerez), ambos na coleção de Oldemiro Cesar.

LUCENA (ARMANDO)

Discípulo de Carlos Reis. Medalha de 3.ª classe pela Sociedade Nacional de Belas Artes

PINTURA :

- N.º 81. *Poente* (para vender a favor da «Alma Nova») 30\$00
 N.º 82. *As vindimeiras* 100\$00
 > 83. *Alentejo* 60\$00
 > 84. *Nevoeiro* 30\$00

- N.º 85. *Descamisada* 40\$00
 > 86. *Naturêsa morta* 60\$00
 > 87. *Poente* 40\$00
 > 88. *Naturêsa morta* 60\$00
 > 89. *Sérros em sombra* 40\$00
 > 90. *Pinheiros* 60\$00

MACEDO (DIOGO DE)

Discípulo de Teixeira Lopes, e Inalbert

ESCULTURA :

- N.º 91. *Vindimador* (Alto Douro), (gesso patinado) na coleção de Oldemiro Cesar.

ILUSTRAÇÃO :

- N.º 92. *A dança* (na coleção de Oldemiro Cesar).
 N.º 93. *Rêverie* (na coleção de Oldemiro Cesar).

MAIA (MARIO DE SOUSA)

Discípulo de Carlos Reis. Menção honrosa pela Sociedade Nacional de Belas Artes

PINTURA :

- N.º 94. *Casa vermelha* (para vender a favor da «Alma Nova») 20\$00

- N.º 95. *Contra a luz* (Azenhas do mar) 35\$00
 > 96. *Sol e nevoeiro* (Praia das Maças) .. 30\$00
 > 97. *Pomar* (Crepusculo em Collares) .. 25\$00

POSSÓZ (MÍLY)

- N.º 98. *Retrato de M.elle K.* (para vender a favor da «Alma Nova»)
 N.º 99. *Estudo de Natureza morta* 100\$00
 > 100. *Bagatella* (pertence ao Ex.º Sr. S.)
 > 101. *Esplanada des Invalides* (impressão) 60\$00
 N.º 102. *Interior* 60\$00

- N.º 103. *Figura ao ar livre* (impressão) ... 20\$00
 > 104. *Figura ao ar livre* 50\$00
 > 105. *Estudo de creanças* 40\$00
 > 106. *Estudo de creança* 30\$00
 > 107. *Retrato*
 > 108. *Interior* (impressão). 20\$00
 > 109. *Desenhos*

ROMERO (EDUARDO GIL)

Discípulo de Columbano Bordalo Pinheiro. Menção honrosa pela Sociedade Nacional de Belas Artes

PINTURA :

- N.º 110. *Côro dos Jeronymos* 60\$00
 > 111. *Naturêsa morta* 30\$00

AGUARELA :

- N.º 112. *Faianças portuguesas* 20\$00
 > 113. *Candieiro antigo* 15\$00

DESENHO :

- N.º 114. *Arrogante* (para vender a favor da «Alma Nova») 25\$00

- N.º 115. *Meditando* (para vender a favor da «Alma Nova») 15\$00
 N.º 116. *Cabeça de garoto* (na coleção de Saavedra Machado).

ILUSTRAÇÃO :

- N.º 117. *Paisagem* (na coleção da «Alma Nova»).
 N.º 118. *Caravela* (capa para um livro de Mateus Moreno).

SAAVEDRA MACHADO (JOÃO)

Discípulo de A. J. Nunes Junior e outros. Director Artistico da Revista Alma Nova, etc.

PINTURA (ENSAIOS DE CÔR) :

- N.º 119. *O limão*, (1912) 25\$00
 > 120. *A laranja*, (1912) 25\$00
 > 121. *Poente alentejano* (na coleção de Oldemiro Cesar).

- N.º 122. *Charneca ao anoitecer* (Terras do Duque) na coleção de L. Chaves).
 N.º 123. *Luiz da madrugada* (na coleção de V. Correia).

DESENHO (SANGUINEAS):

RETRATOS DE:

- N.º 124. *A Bustorff* (director literario da «Alma Nova»).
- N.º 125. *M. Moreno* (director literario da «Alma Nova»).
- N.º 126. *Eduardo Romero* (pintor de Arte).
- » 127. *Armando Correia*.
- » 128. *Carlos Pimentel*.
- » 129. *Ruy Sedas Pacheco*.
- » 130. *José Rebelo* (poeta).
- » 131. *Rafael Bordalo Pinheiro* (destinado ao Museu Rafael Bordalo).
- N.º 132. *Luis Chaves* (conservador do Museu Etnologico).
- N.º 133. *A. M. d'Oliveira*.
- » 134. *Dr. Moreira Téles do Consolado do Brazil*.
- Nas coleções dos retratados.
- N.º 135. *Cabeça de meretriç* (na coleção de Forjaz de Sampaio).
- N.º 136. *Cabeça de creança* (na coleção do

ex.^{mo} sr. dr. Pedro Martins, ministro da Instrução Publica).

N.º 137. *Cabeça de creança* (na coleção de M. Cardoso Marta).

N.º 138. *Recanto* (na coleção de Eduardo Romero).

CARVÃO:

- N.º 139. *Trecho dos Jeronymos*..... 30\$00
- » 140. *Ilustração* (originaes publicados na «Alma Nova»).
- N.º 141. *Alentejano* (na coleção de M. Moreno).
- N.º 142. *D. Quichote* (friso para um soneto do poeta brasileiro Ronald de Carvalho, (na coleção do ex.^{mo} sr. Abel Dias).
- N.º 143. *A Batalha* (na coleção de Eduardo Romero).
- N.º 144. *Capa de um livro de José Rebelo*.
- » 145. *Meu pae* (1912).
- » 146. *Desenhos de Arqueologia e Etnografia* (dos albuns do Museu Etnologico Português).

SEDAS PACHECO (RUY)

Discipulo de Saavedra Machado

DESENHO:

- N.º 147. *Estudo* (para vender a favor da «Alma Nova») 10\$00

SILVA (CONSTANCIO GABRIEL DA)

Discipulo de Veloso Salgado

PINTURA:

- N.º 148. *Calhaus negros* (Ponta Delgada) . 20\$00
- N.º 149. *Estrada em construção* 20\$00
- Ambos para vender a favor da «Alma Nova».
- N.º 150. *Camponesa micalense*..... 40\$00
- » 151. *Humilde*..... 60\$00

STUART (CARVALHAES)

Caricaturista e ilustrador

- N.º 152. *Futurismo* (na coleção de Oldemiro Cesar).
- N.º 153. *Fantasia* (na coleção de Oldemiro Cesar).
- N.º 154. *Ele* (na coleção de Oldemiro Cesar).
- N.º 155. *Margens do Sena* (na coleção de Oldemiro Cesar).
- N.º 156. *Alfama á noite* (na coleção de Oldemiro Cesar).
- N.º 157. *Estudo* (na coleção de Oldemiro Cesar).
- N.º 158. *Tipos parisienses* (na coleção de Saavedra Machado).

VASCONCELOS (D. SABINA DE)

Discipula de Roque Gameiro

AGUARELA:

- N.º 159. *Arco da tapada do Conde dos Fe-
naes* (S. Vicente). 10\$00
- N.º 160. *Conceição das Capelas*..... 10\$00
- N.º 161. *Caminho velho dos poços* (S. Vi-
cente). 10\$00
- N.º 162. *Casa da Eira, na Arrenquinha* (S.
Vicente)..... 10\$00

XAVIER (RAUL MARIA)

Discipulo de Costa Mota. Menção honrosa pela Sociedade Nacional de Belas Artes

ESCULTURA:

- N.º 163. *Cabeça de negra* (paravender a fa-
vor da «Alma Nova»)..... 25\$00
- N.º 164. *So riso* (cabeça de creança)..... 25\$00
- » 155. *Cabeça de mulher do povo*..... 25\$00
- » 166. *Busto de Oldemiro Cesar* (na co-
leção do proprio).
- N.º 167. *Busto do dr. Atalide de Oliveira* (na
coleção da «Alma Nova»).
- DESENHO:
- N.º 168. *Apontamento* (para vender a favor
da «Alma Nova») 8\$00
- N.º 169. *Apontamento* (para vender a favor
da «Alma Nova»)..... 8\$00

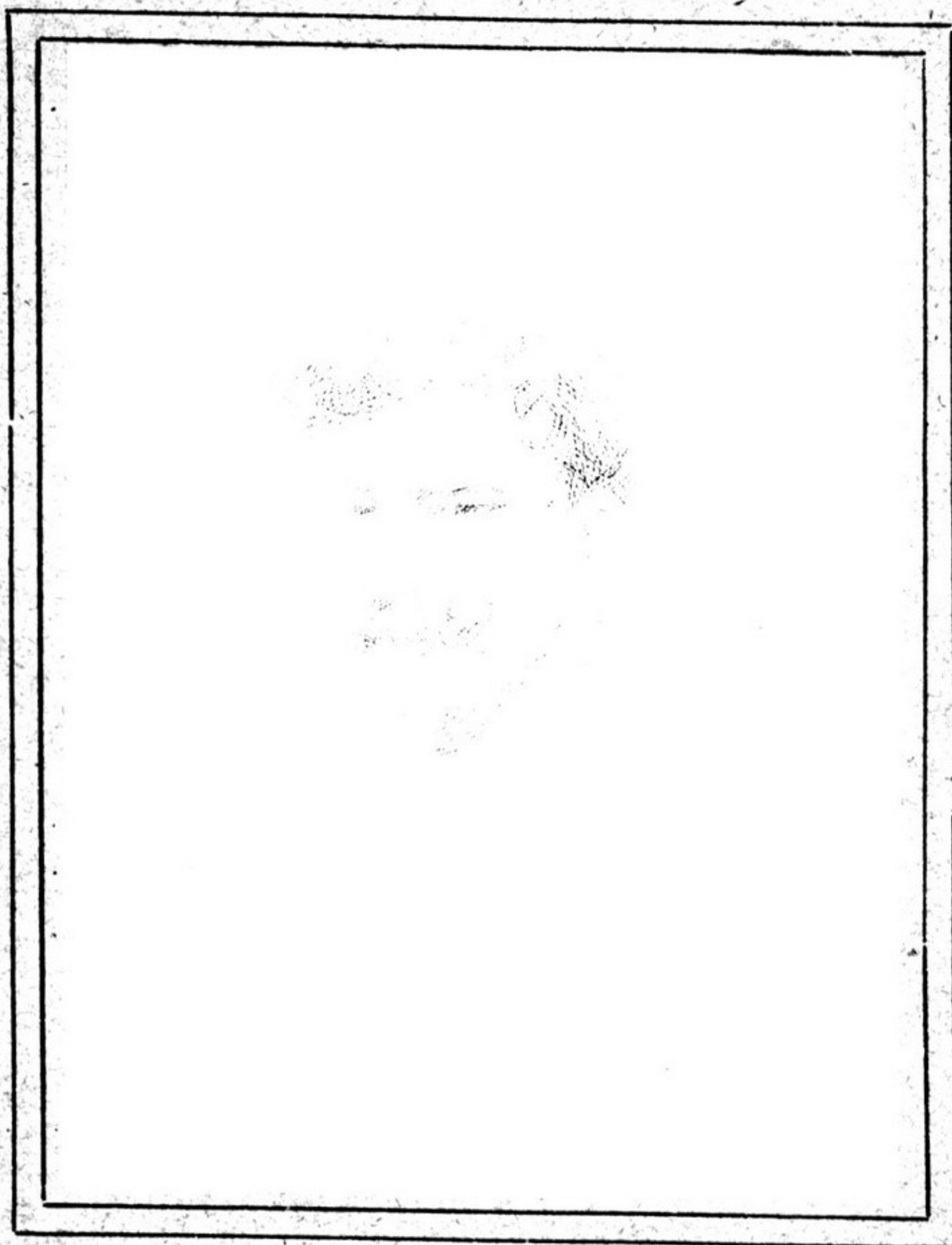
ARQUITECTURA

LEITÃO DE BARROS E PAULINO MONTEZ

Estudantes de Architectura

- N.º 170. *Maquette para uma casa de campo de Artista* (Ao sabôr regional Português).....!

! Venda da maquette e projectos desenhados, por contracto especial.



RAFAEL BORDALO PINHEIRO

**DESENHO DE
SAAVEDRA MACHADO**

*Destinado ao Museu
Rafael Bordalo Pinheiro*

Tudo o que acaba e foge, nela principia e perdura. O artista dá-lhe a sua vida transitoria e ela revive-a eternamente... A Arte, a grande Arte, a verdadeira Arte principia no artista e continua em infinito. Não morre nunca. Separa-se do Tempo, acompanha a Humanidade...

IV

Os novos artistas

A CONTINUAR um passado de glórias, a continuar uma arte portuguesa, muito nossa, sentidamente original, que foi o *Ascetismo* com Nuno Gonçalves e o *Regionalismo* vibrante e terno, misterioso e doce de Alfredo Keil; que é com Silva Porto — o *Saudosismo* na paisagem comovida e religiosa da nossa terra; que é ainda o *Universalismo* na figura tragicamente genial de Soares dos Reis — o *Unico* na nossa escultura; que é também o *Portuguesismo* com Costa Mota no *Cavadôr*, que tem paisagem; que finalmente é a *Aristocracia* nos retratos de Columbano e o *Regionalismo* vigoroso e saudável de Carlos Reis; — a continuar pois uma arte portuguesa, muito nossa, sentidamente original — novos artistas surgem, aguias exercitando as azas, aguias preparando o vôo...

Trazem consigo o desejo do triunfo e a sede do domínio da natureza toda, dos sentimentos todos... Indignações e revoltas, beijos que prendem e exaltam, preces que trazem esperanças, risos que aplacam crueldades e risos que acendem iras — na alegria que é o elogio da Vida, ou na Dôr, a dôr de todas as dôres, que é a Beleza da Alma — tudo isso o seu lapis ou o seu pincel sabem traduzir e humanizar, porque tudo isso é a vida e o homem que morrem para voltar depois em outras vidas e em outros homens, com as mesmas anciedades e loucuras, com as mesmas esperanças e revoltas. Sentem a Vida e compreendem a Arte que é uma outra vida que fica para reviver a outra.

V

Os meus perfis

Maximiano Alves:

Um dos maiores escultores da nova geração. Conhece os segredos da Alma e a anatomia dos corpos. Observador e psicólogo. Temperamento complexo. Uma vez é o tragico da *Calunia* e da *Escrava*, outras o lirico da *Mocidade*.

Entre o tragico e o lirico — ha o musico extranho da *Tempestade*, o seu maior trabalho, ainda inédito. Na *Tempestade* Maximiano Alves é um musico extraordinario á maneira de Wagner. Tem rajados de crueldade e violencias indomitas de sons... A *Tempestade* passa ofegante e cruel, vertiginosamente... Ha gritos de desespero dos que ficam miseraveis e famintos. Tombam as arvores em gestos dolorosos; desabam, arruinam-se, esfarrapam-se as aldeias e as casas. E a *Tempestade* passa, ofegante e cruel, rindo sinistramente na alegria diabolica do mal...

Martinho da Fonseca:

Inglês por fóra — grande artista por dentro. Não usa cabeleira, nem paga reclamos nos jornais. Higiene e modestia. Tem amigos e inimigos. Os ami-

gos compram-lhe os quadros e os inimigos são o seu melhor titulo de gloria. Odeiam-no até. Ora o odio é um sentimento nobre e altivo, porque somente se odeia, o que é grande, o que vale, o que triunfa.

Pintôr, desenhador e escultôr. Tres individualidades distintas e uma só verdadeira e gloriosa.

Atingiu o Triunfo da Arte. Saiu de todas as convenções, de todas as formulas e de todos os dogmas. E saiu para dominar e subjugar e inutilisar até, todos os dogmas, todas as formulas e todas as convenções. Assim a sua arte não vive dos modelos. Os modelos é que vivem da sua Arte, pessoal e inconfundivel, porque os modelos para Martinho da Fonseca não são um *fim*, mas um *meio* apenas.

Armando de Lucena:

Paisagista extranho. Baudelaire e Antonio Nobre na sua arte, cantando e chamando alucinações e misterios — numa ancia dolorosa e inquieta, voluptuosa e doentia, de procurar e achar e de abranger enfim, uma côr que seja Beleza e Terror, Harmonia e Abismo, Canção e Ruído, uma côr, aquela Côr que os seus sentidos adivinharam já e os seus olhos inda não viram...

Eduardo Romero:

O melhor, o mais belo, o mais perfeito continuador de Columbano — o Divino — na *Natureza morta*.

Modesto e recolhido, vivendo do seu sonho e para a sua arte, o publico esquece-o, o burgo não lhe sabe o nome, não dá por ele, ele que é grande, ele que sabe, ele que como um deus poderoso e olimpico sabe crear novos mundos com novas almas e novas vidas, em sintonias alacres e vibrantes de sonhos que nunca morrem — nas suas tintas tocadas de emoção, nos seus riscos comovidos de Verdade que aparece e se descobre, magnanima de triunfos d'ouro, esplendida e divina de infinitos de luz clara que vence as sombras e que destroe os erros.

Dordio Gomes:

Tem o sentido da Paisagem. A Paisagem é um como desdobramento do Infinito sobre a terra: tem vida, tem côr e tem alma. A Paisagem é a Raça, é a Tradição, é a Epoca. Passa pela terra, vive, anima-se, espiritualisa-se, divinisa-se em nossos olhos. Ver e sentir a nossa Paisagem, é vermos-nos e sentirmos-nos a nós próprios.

Dordio Gomes é um Pintor e um Artista. De volta dos serviços no *Alemtejo* é o quadro d'um Artista, de uma grande alma de Artista. Tem a paisagem nossa. Tiremos-lhe o fundo, deixemos-lhe apenas aquelas figuras que passam — e a Paisagem fica...

Saavedra Machado:

Grande talento e grande modestia. Retirado, alheado de todos os convívios dos centros que por fantasia são chamados grandes, ele retirado e alheado na sua solidão de Pedreiro e no seu sonho constante de Arte, não tendo senão a paisagem para ouvir e para o enternecer nas matinas do sol que nasce, e nas baladas crepusculares do sol que tomba heroico e sangrento por sobre o mar, ele realisa a pouco e pouco a sua Obra, a sua grande Obra, que como todas as grandes obras é o *Triunfo de Si Mesmo*.

Alma de poeta, alma de contemplativo em tudo

ele vê a sua alma repetida, e em tudo ele busca como que o complemento da sua alma, que se levanta em extase, que se transfigura em Som e em Pensamento. O pensamento é uma emoção. E os seus quadros os seus desenhos, as suas manchas em que ha traços fortes, de um vigor estranho, como que desafiando o Tempo que tudo gasta, tendo o pensamento profundo das coisas — tem a emoção altíssima, que é o Sentimento dos sentimentos, que não morre nunca, que revive a toda a hora, a todo o instante, em novas emoções e em novos pensamentos.

Desdobrando-se, multiplicando-se, Saavedra Machado é o poeta extranho das Charnecas, é o retratista inconfundível de *Bordalo* e *Eduardo Romero*, é o apaixonado das coisas simples desenhando com amor e com notavel fidelidade os nossos documentos etnologicos e etnograficos, dando aos desenhos, aos seus retratos, ás suas manchas, muito de misterio e extranho e muito da sua alma.

Alves Cardoso :

Paisagem d'inverno matinal e branca. Ha um sopro de vida que ilumina e engrandece. Choveu. As pequeninas bôcas da terra beberam sofregas a chuva que caiu. Humidas ainda, cantam baixinho o fecundo misterio das sementes. O vento passa e estremece as arvores e acorda de manso os ninhos. E' dia alto. O sol vae aparecer de novo de entre as nuvens. A terra desperta enfim. — Cante-se a vida e o seu triunfo!

— E' isto que nos dizem as telas de Alves Cardoso — o nosso maior pintor das paisagens d'inverno, por excelencia.

Carlos Bonvalot :

Alma divina de pagão. O seu pincel faz o elogio da Carne, bela e vibrante na Luxuria — a Epopeia da Vida, e na Beleza — a Victoria Maior.

O que é o amor? Um desejo inconsciente de eternidade. O que é o beijo? O instante que é a origem dessa mesma eternidade. Vivamos a vida em toda a sua Beleza. Sejam a Beleza, buscando-a e amando-a. Morrer é reviver. Saibamos pois viver para que a morte seja ao depois uma resurreição. A Beleza é a Saúde e a Força da Alma e do Corpo. Só o forte triunfa. Triunfar é viver. A vida é uma eterna revivescencia .

Raul Xavier :

O Poeta da escultura. Não tem revoltas, não sabe o que é o odio, não lhe conhece talvez o seu valor, a sua força e a sua beleza até, mas quando desce á tristeza humilde ele sabe trazer e dar aos seus bustos a dôr que implora e, se exige, é chorando e beijando; mas quando se eleva e abraça a alegria que é loucura de Sol, ele imprime aos seus trabalhos a vida redentora que canta e espalha victorias nas almas e na terra. Ninguem como ele para reviver o riso virginal e imenso das creanças; ninguem como ele para nos dizer que ha mulheres que sofrem, embora calem as suas angustias que passam curvadas e humildes num soluço que se abafa, numa lagrima furtiva que se esconde, não vá alguém surpreende-la e magua-la...

JOSÉ REBELO.



Estatua do cavador

A Costa Motta

Ergueu-se o genio, e nesse vôo bemdito
Tocou sua aza a minha inercia, e logo,
Marmore, estremeci, — fui sonho e fogo,
Subindo em espiraes para o infinito...

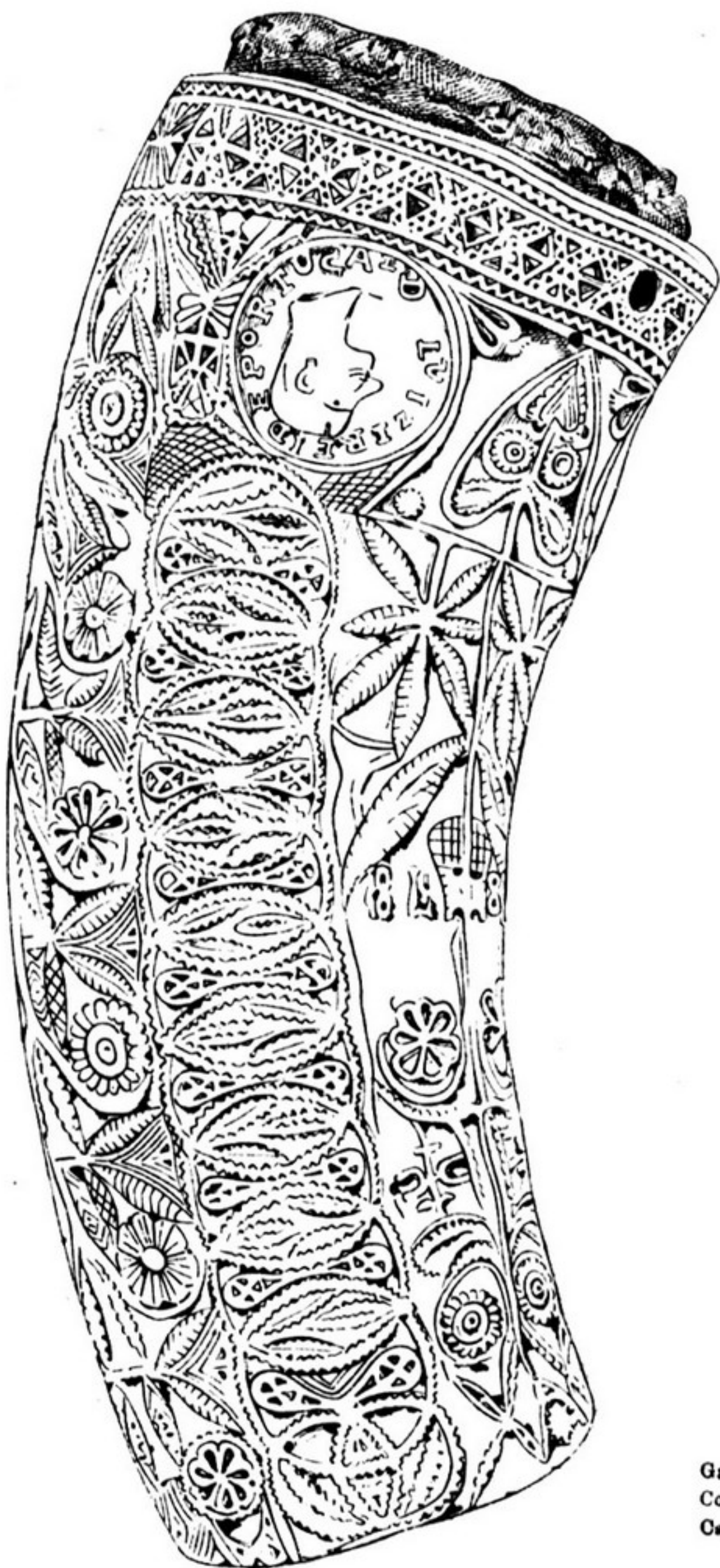
E, sangue e vida e angustia. clamo e rogo
A' terra que dê pão, e amo e palpito,
E enquanto cavo, celebrando um rito,
Horizontes e nuvens interrogo...

Cavo a terra! cavar: santificar,
Benzer, remir a argila secular
Pela força e beleza, pelo amor!

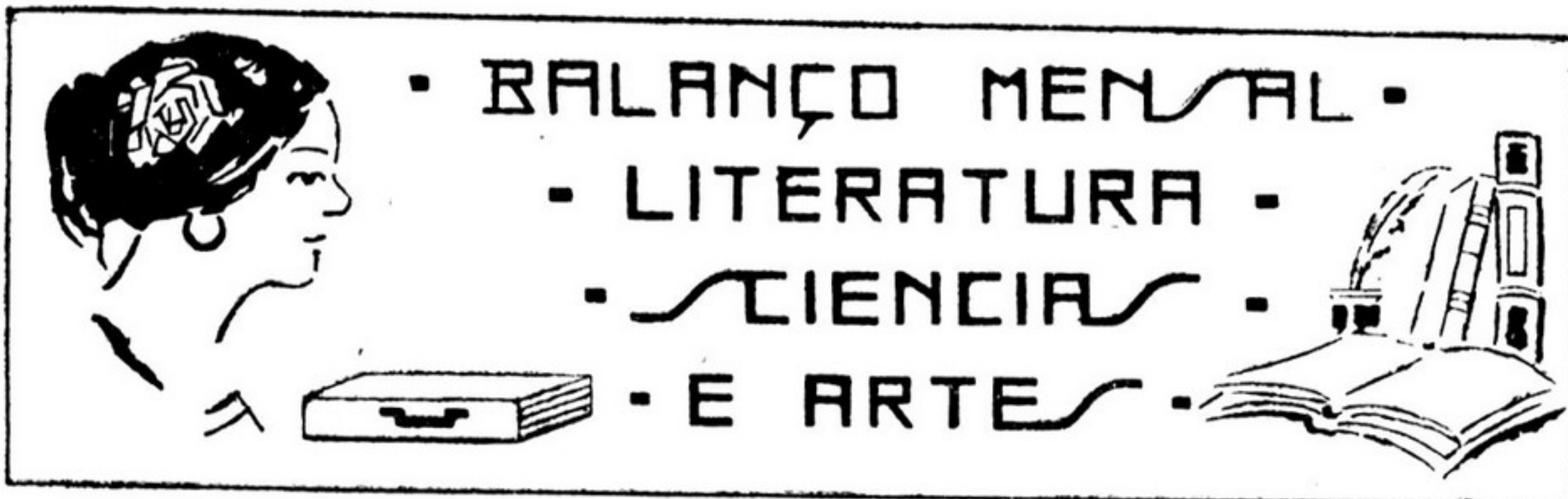
Cavar! E o som da enxada reproduz
A palavra de Deus: — «Faça-se a luz!» —
E a luz é feita transmutada em flôr...

(Dos *Sonetos*, 2.^a edição aumentada).
(Vide «Balanço litterario», a pag. 34).

CANDIDO GUERREIRO.



Ganchos da meia, de Santa Victoria do Ameixial
 Corna alemtejana
 Canhões da meia (Freixo d'Espada-á-Cinta)



(Desenho de Saavedra Machado)

Notas do mês

Por necessidades de paginação foram retiradas estas «Notas» que devem ser publicadas no próximo numero da *Alma Nova*.

Balanço literario

MAI. nascidos, mal educados, mal preparados e fortalecidos, habituámo-nos a andar no mundo por simples desejo de imitação dos nossos semelhantes e a arvorar a lei do menor esforço como desiderato e orientador maximo de quanta ambição ideámos, de quanto plano feliz pômos em mente. Pensando no triunfo achámo-lo longe de mais e abdicámos; aquilutando as forças de que nos sentíamos capazes de dispôr, renunciámos independentemente da mais fraca tentativa. Descobrimos a impossibilidade da victoria individual, proclamámos a preponderancia imanente do meio sobre o orgão, dêmo-nos a afirmár que só não morre moiro quem tem padrinho, só fáz vida amena quem se cunha bem. E por uma fraqueza logica, por uma cobardia legitima em homens assim formados, todo o paiz se constituiu em regime de monopolio, em campo livre para sindicatos, em victima indemne da tirania de uma meia dúzia de frequentadores de cafés e tabernas, facil na critica, aleivosa nas insinuações.

Ha o monopolio do talento, como ha o dos Foforos e o dos Tabacos. Ha o sindicato dos Homens de Letras conhecidos, dos Artistas pintores de merito, dos Escultores de aguinha morna, dos donos da instrucção infantil em Portugal e Algarves. Citar-lhes os nomes é minucia escusada. Todos os conhecem, todos os receiam, — todos os *respeitam* medrosamente. Deles sae a indicação das unicas creaturas elogiaveis e réclamaveis; eles são os organizadores do Syllabus, literario e artistico, onde se escomungam os caracteres rebêlles que não curvam os cachaços sob a canga, que não estendem os pescoços para a coleira.

Por isto, Candido Guerreiro é quasi desconhecido entre os vulgares leitores de obras literarias. Exceptuada meia centena de amigos e eruditos, e outro tanto de estudiosos e investigadores, falar-se de Candido Guerreiro é o mesmo que anunciar um poeta ainda imberbe e apenas estreiante, pequerrucho acanhado, bebé tímido e loiro que es-

tende as mãos piedosas aos elogios dos jornalistas e ás palmatoadas dos criticos.

E, no entanto, ha 21 anos que este Homem trabalha e produz. Ha precisamente 21 anos que entrou no Mundo literario com as suas *Rosas desfolhadas*, candidas, mas cheias de proméssas que o Futuro confirmou. Ha 21 anos que dia a dia vae creádo Sonetos, que são dos melhores da lingua portugueza, dos mais distinctos na literatura d'um paiz onde o soneto tem tradições olimpicas, onde se apontam como Sonetistas desde o Camões, ao Bocage e deste ao Antéro. Não é o triunfo efémero que arvora em rei do paiz dos cégos quem veja um palmo adeante do nariz. E' o contraste entre um aglomerado de maravilhas, é a distinção entre uma pleiade de Homens mundialmente citados e venerados pelo seu valôr.

A quando do aparecimento desta 2.^a edição dos *Sonetos*, que temos deante de nós, interrogámos por curiosidade — e por velhacaria, — muitos desses talentos de pechisbêque, desses Poetas e Prosadores da patria dos Pikouins, que estadeiam sabencia no Martinho e fazem cavalo de batalha da complexidade de seus conhecimentos, á tarde, na Rua do Ouro, — acêrca do merito e impressões encontradas nas obras de Candido Guerreiro. Ou o não conheciam, ou o conheciam apenas de nome, com simples sciencia de livreiro: pelas «lombadas dos livros». Pasmámos. E pasmámos, por que, enquanto assim se procêde para com um Homem que é o Sonetista-Maximo da Literatura Portugueza Contemporanea, aclamam-se e afamam-se para aí quadrupedes com honras de Academia, nulidades membros-honorarios de multiplices Institutos. Que vergonha e que magua, em tudo isto . .

Lamentações não curam, porem nada. Analisemos ligeiramente a ultima obra de Candido Guerreiro. Alem de conter todos os Sonetos da 1.^a edição (1901 a 1903), valorisa-se ainda com a compilação dos posteriormente creados, numa segunda época em que ha manifesta dulcificação dos protestos revolucionario-sociaes da maneira primitiva, e em que o Poeta se individualisa exuberantemente com a subjectivação completa realisada na sua obra.

Candido Guerreiro da 1.^a Edição dos Sonetos é um panteista-panenteista feróz e intransigente. Tão depressa nos afirma que Deus é tudo, como que tudo está em Deus. As duas escolas acorrenta-as e confunde-as para fortalecer os seus conceitos, e eu não sei se desta confusão não derivará um superior sentimento de Belêza que tomba, em emoção, sobre todos os que o lêem.

O Poeta não admite nem óra a um Deus milagreiro, ávido de cerimonial e de liturgia, representado em fetiche ou clara imagem. Na sua teosofia simplista, Deus é todo um sistema filosofico ima-

nente; «uma Força»; um mito em busca do qual a Ideia se cansa uma investigação lóbrega e insaciada; um sonho que o faz blasfemar da

... Montanha tragica do treva
Que em pó de Deus, arrasta a minha Ideia

E porque Deus é tudo ou em tudo está, desde a Terra ao Astro, desde a planta á Ave, «porque é, — como diz Junqueiro numa carta prefacio, — o amor de todas as coisas, a Fraternidade infinita, universal», de o sentir ser tanto Cândido Guerreiro duvida e vae cavalgar hipoteses as mais estupendas, mas as mais divinamente artisticas, atravez do «insondavel Mar-Negro do Misterio» e termina por depôr as suas esperanças num Deus,

... o velho Deus, o Deus Segrêdo
Um Deus que o não seja, o Deus vontade

Deus que não é, como o de Kant, um postuladô moral e que se antagonisa com o de Voltaire, juiz feróz e inclemente.

De résto para Cândido Guerreiro a noção da Divindade é, como dissemos, mais um recurso filosofico do que um simbolo de Perfeição Moral. As velhas formulas do «tipo ideal de perfeição», preferidas em cada uma das religiões que existiram ou ainda existem, somem-se, aqui, em esquecimento. Deus não é bom nem é mau, ou antes, é natural e, por consequencia, amoral. E' o Inexplicável, é o Inexplicado, é o Orientadô e o Creador da Vida, — que não é mais do que

o turbilhão, o movimento,
O imortal Ashavérus do Universo.

Neste dinamismo espiritual se sustenta Cândido Guerreiro, para dele fazer derivar, como corolario, o triunfo do Amor, Sobre a Vida. Do Amor que é a «porta da Vida», que é «Rei dos Corações» que é o «Principe Egregio» e que é, já na 2.^a maneira (1903-1908)

... o anelo do infinito;
Que é na carne o esplendor da formosura;
Que na planta é arômas e é verdura;
Que é coesão na rocha de granito..

Neste 2.^o grupo de sonetos a forma, anteriormente perfeitissima, chêga a modalidades dum ritmo cantante e embaladô, dignas da assinatura dos nossos melhores Mestres. A orientação combativa, discrepante, do panteismo primitivo, decae para uma pacificação mais absoluta e profunda. Ao combate, opõe-se a Confraternisação; ao hino, o cantico. Ha sonetos, simplesmente descritivos, (a pag. 68, 74-75, 82, 90, 106, 108, 124-125, etc.), que são aguarélas de magia; ha-os quentes de paixão, de amor de Pae, de esperança no futuro, — como o «Nonomnis moriar» que, só por si epopéiasaria um nome.

A obra de Cândido Guerreiro na Literatura Portuguesa contemporanea, é como uma dedáda de Rodin, no barro da sua Arte: jámais se apagará. Impõe-se. Ha de perpetuar-se. E da legião dos desconhecidos que o admiram quero ser o primeiro a ofertar-lhe as palmas do triunfo e a pedir-lhe que continue para nosso enlêvo e sua gloria.

Canções do meu lar. Chama-se assim o ultimo livro do Poeta Mario Pachêco, que desde 1912, se tem mantido uma louvavel attitude de continua produção poetica.

Não é um volume de canções, no sentido «francês» da palavra. Desconhecem-se aqui as formas tradicionais desta velha maneira poetica gaulêza,

tão popular e tão cheia de vivacidade; ora simples motête critico, ora arma politica de insulto e de combate; tão deprêssa falando de epicurismos e gargantuisismos, como lançando ao espaço as estrofes revolucionarias do *Cá Irá*.

As *Canções do meu lar*, são simples «Cantigas para o meu lar», paginas epopeisadôras da vida amorosa e serêna do Poeta, confissões cantantes da sua alma feliz pela materialisação dum sonho «leve como a sombra sobre as aguas» que longamente sonhou e com descomedido esforço foi ensaiando, e, constituem assim, um hinario onde ha quadras bem lindas, ideias duma bondade que enternêce, sentimentos duma beleza e suavidade acalmadôras. Livro que se adivinha escrito de relance, num desabáfo, e numa exteriorisação apressada de contentamentos, tem a justificaçô e a impôr-lhe admiração quadras, sem duvida perfeitas e formósas e, acima de todas, esta que honrando o poeta que a concebeu, só por si vale mais que muitas que para aí correm:

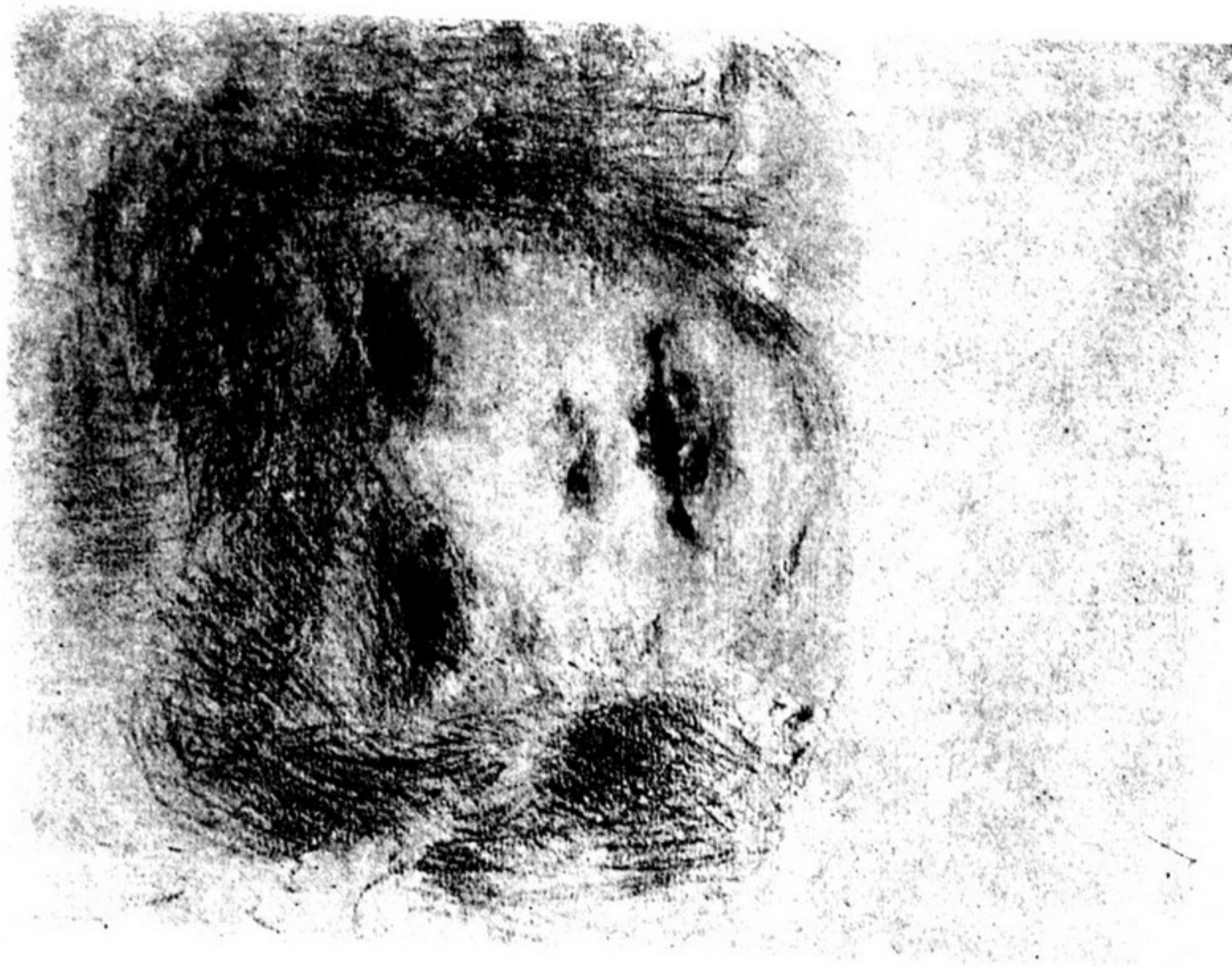
Ser poeta é ser de todos;
Dizer ao mundo o seu bem
A ver se a sua alegria
Entra nos outros também.

Pedro de Menêzes, alem do Poeta prometedô e riquissimo de forma e de conceitos que, sempre, para nós tem sido, torna-se digno de uma muito especial admiração e amizade pelo dezassombro com que se lançou na vida literaria e as provas de continuo e absorvente trabalho que, de quando em quando, nos dá.

A sua bibliographia é a sua biographia. Poeta singêlo, amaneirado, quasi acadêmico em 1913, veio a publico com um livrito infantil e pouco harmónico, mas prometedô a valer. A critica fez sobre ele um, não intencional, silencio, para só acordar, no ano seguinte, com a publicação do *Distancia*, um livro que teve o condão de irritar muito bom indigena e «japonez», e fez descer jornalistas varios a attitudes menos decorosas de garôtos de bouca suja que atiram pedras ás victimas da sua *bilis* e lhes insultarem modos de vida, *toilettes* ou familia, á mingua de argumentos fortes e substanciosos. Acêrca do *Distancia* tudo se disse do seu auctor e dos seus amigos, pouquissimas referencias se pronunciando sobre a obra em si. O *Elogio de Paisagem* mereceu identica sorte e das ditas ou desditas das *Treze baladas das mãos frias*, ultimamente saídas para a publicidade, nada ou quasi nada podêmos afirmár de seguro.

Sob o aspecto da orientação psicologica do auctor este livro filia-se, ainda e sempre, na maneira poetica um tanto simbolista, um tanto interseccionista, um tanto extravagante, — mas de onde se destacam scentelhas de Inteligencia e de Merito, — de que Pedro de Menêzes se fez um paladino e um creadôr. Nem todos comprehendem o que nas *Treze baladas das mãos frias* vem escrito, porquê nem todos estão afêctos á orientação pessoalissima do Poeta. Naquelas composições, porem, em que a penetração é mais imediata e facilmente realisada, nessas encontram-se primôres de engenho, no seu ritmo e na sua Ideia. A «Balade da Cruz» é uma pagina quasi musical, que se não lê sem que evoquemos Beethoven, mas o Beethoven das «Sonatas» e da «marcha funebre para um heroe». A «Balada das Aias Cegas» é outra peça poetica ternissimamente imbuída duma tristeza imensa, dum grande espirito de renuncia e de dedicação.

A observar apenas na obra de Pedro de Menê-



MENINO

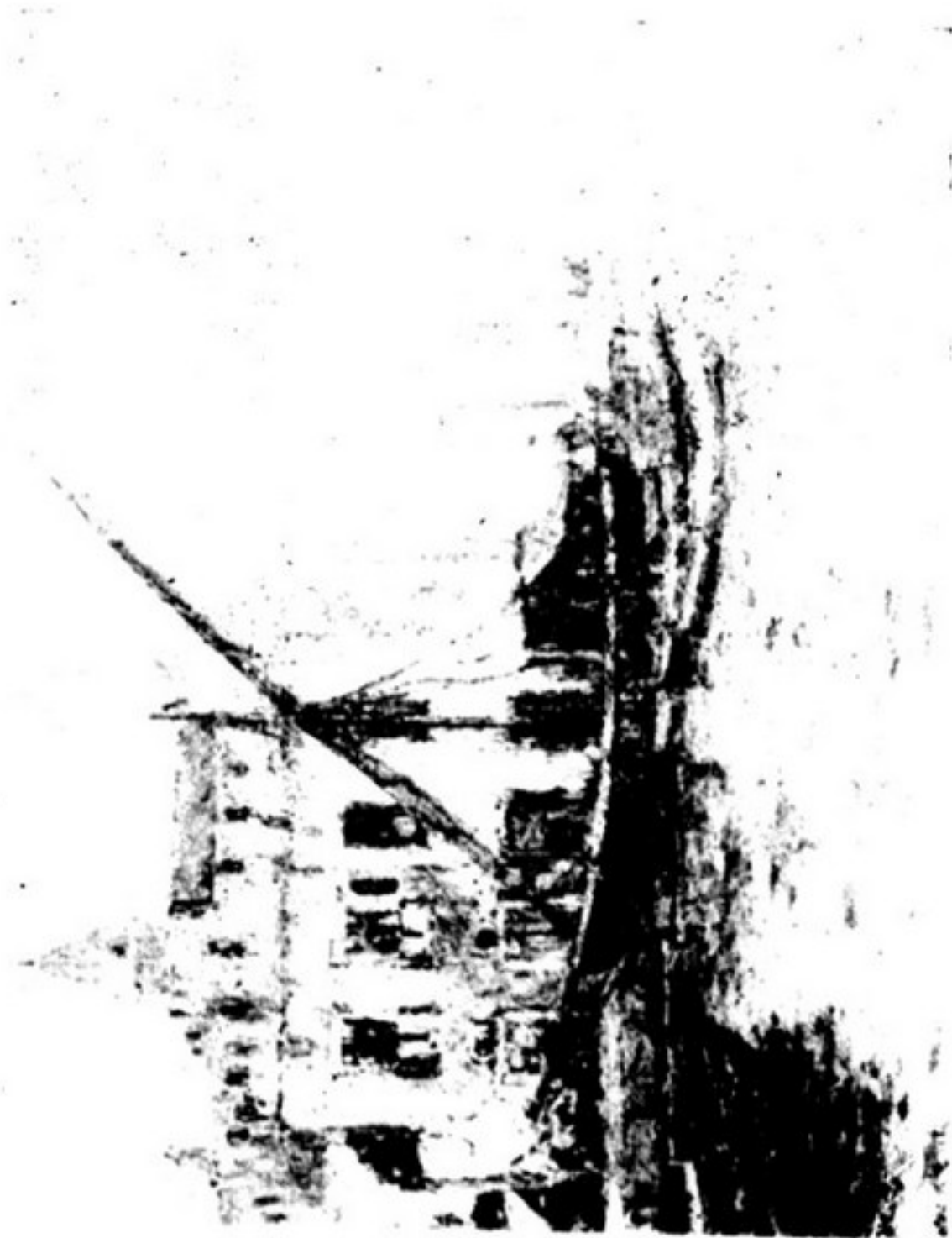
MARTINHO DA FONSECA

PORTO DE POZZUOLI Á TARDE (ITALIA)

NAVARRO DA COSTA

UMA ALDEIA

ARMANDO DE LUCENA



zes, — um novo que se não julgou elevado aos acúmens da gloria com o primeiro livro lançado a publico e, por este motivo, anualmente dá provas dos seus progressos, — temos o que sempre dissémos e dirémos. As suas construcções gramaticaes, são, por vezes, tão sintéticas, tão supinamente simbolistas, tão extravagantemente reduzidas, numa grande ancia de simplificação, que o sentido geral da frase se obscurece e, para os não «iniciados», a obra perde, por não possuída.

Fernando Caetano Pereira, estreou-se, ha pouco, com o seu livro «No Cahos da Ideia». Obra, sem duvida cheia de qualidades, demonstrando no seu auctor um espirito concentrado e meditativo, imbuído duns pessimismos que não ficam bem num «campeão» e numa creatura, estudante, folgazã, quasi imberbe, — tornou-se-nos e á grande maioria dos que estudam as literatices deste paiz, antipática e fastidiosa pelo aspecto aggressivo, violento, de accinte, com que foi lançada a publico. Com a sua autoridade de má lingua historico, o Senhor Forjaz de Sampaio coroou de louros a fronte do recém-aparecido, dizendo portentosos exagêros sobre o «No Cahos da Ideia», e creaturas que fervem em pouca agua, tomadas de contagio, tiveram o descôco de afirmar que um novo Antero, — mas sem barbas, nem cabelos loiros, (Salvo seja!), andava no mundo a suplantar as Maravilhas que do Divino-Suicida conhecemos.

Foi um panico entre as gentes e um decrescimo na cotação litteraria dos volumes das *Odes Modernas* e dos *Sonetos*. Lêr as prosopopeias melodramaticas que o livro occasionou, era cair em riscos de síncope cardíaca ou ataque histerico. Nós, que pela nossa constituição fisica e educação nervosa estamos livres de umas e outros, limitámo-nos a esperar que o livro nos viesse ás mãos para julgarmos... *de visu*. Julgámos e, francamente, não descobrimos nada de Kolossal. Verificou-se em nós o que, em tempos, uma ingleza que nos ensinou inglezices nos dizia de Cintra: Byron chamou-lhe «delicious Eden». Nós partimos na certeza de encontrar esse Eden delicioso, e afinal depara-se-nos uma região que é linda, lindissima mesmo, mas que não é... Eden. O reclamo escangalhou o negocio; a exagero provocou uma desilusão.

Com o livro do Senhor Caetano Pereira, deu-se, um pouco, isto. A zaragata elogiosa do jornalismo indigena maldispoz quem se não alimenta de criticas de jornaes diarios, porque as fêz, ou as está fazendo, e lhes conhece a urdidura.

O seu livro, «No Cahos da Ideia» é uma estreia, — mas, note-se bem, uma *estrela*, — que promete, que revêla qualidades as mais dignas de apreço. Tem sonetos correctos de forma, apreciaveis, otimos — se assim o quizerem, — de ideia. Mas sonetos que se reconhecem de um principiante; peças poeticas onde ha palpaveis desequilibrios, onde o ritmo é quebrado, onde a construcção é deficiente, rude mesmo.

Que o seu trabalho «o não deslustra nem envergonha» — como diz o Senhor Forjaz de Sampaio, é bem certo; mas que está longissimo de o immortalizar, de o «Anterisár» — como querem os seus amigos, — isso, com seiscentos milhões de demonios, é mais seguro do que o Arco da Rua Augusta e os barquinhos do Lago do Campo Grande.

Depois não se diga que fazemos castelos de cartas, ou pomos afirmações sobre esfêras. Veja-se, logo a pagina 2, a poesia da abertura do livro.

As duas primeiras quadras são superiores. Mais cá, mais lá, a historia vae-se aguentando. No final tudo aquilo descamba na maior das banalidades. Salva-se apenas o ultimo verso quente, arrojado, de um Poeta, que o sabe sêr.

Porque o sr. Caetano Pereira é Poeta e apresenta-se como uma creatura de merito e de futuro certo, se evolucionar progredindo abertamente. Felicitámo-lo, sem animosidades que jamais possuímos, nem nada justificaria, pela sua estreia e, como não queremos finalizar sem que seja citada qualquer trecho da obra:

Ahi vae agora, para aqui findár,
A frase que um orgulho mais requêr.
Um remorso que te pode torturar:

(pag. 20).

As construcções sintaxicas, apenas gramaticaes, do sr. Caetano Pereira são, por vezes, viciosas, de estreiante, erradas até. Veja-se esta 1.^a quadra do Soneto «Visões» a pag. 51.

Hontem a noute, ás horas do repouso,
Vem procurar-me alguém no meu retiro,
Passa no de leve, rasto duvidoso,
E duvidoso fico: assim o miro.

(Os sublinhados são meus). E digam-nos, depois, que demónio de concordancia gramatical é esta: *ontem... vem* Para um acontecimento preterito, o verbo no presente. Erro tipografico — diz-me alguém aqui ao lado. Qual «gralha» dos compositores!? E o *passa* do 3.^o verso? E o *fico* do 4.^o? Se é gralha é do compositor primario, ou, mais portuquêzmente, do Auctor.

Veja o sr. Caetano Pereira nestas palavras umas simples anotações de «amicus Platus», e não imagine «remóques pérfidos» de um «inimigo vingativo» que não sou, nem pretendo sêr. Isto se assim o quizer, que é coisa facultativa, e, para nós indifferente. Mas o que achámos de maior urgencia é «mirár» sem facciosismos as incorrecções da sua estreia, corrigindo-as nas obras que vier a publicar, e, sempre mirando, vão levar a mal as miradêlas de quem não mira do alto de miradoiros de amizade.

Ao publicar ultimamente o seu volume de poemas intitulado «Praias do Misterio», Augusto de Santa Rita não era um simples desconhecido, um vulgar anonimo sem passado, sem demonstrações de valôr e com todas as inconstancias e desequilibrios duma creatura estreiante.

Para Canções portuguezas varias poesias de merito havia creado, e, avulsamente, fizera-se um tanto, considerar como Poeta de ritmos e de emoções graciosas. Com as «Praias do Misterio» este conceito radicou-se, e generalisou-se.

Edição luxuosissima, ha nela, a pár de poesias de uma ingenuidade infantil, mas forçada e pouco natural, — e por este motivo desagradavel, trechos, principalmente Sonetos, levissimos, sentidissimos e belissimos.

O verso de Augusto de Santa Rita é sempre natural, expontaneo, artisticamente trabalhado e vestido das facilidades e dos requisitos necessarios para que a Ideia não appareça esbaforida entre o colete de fôrças de um numero certo de silabas a maldizêr do Poeta que a estrefegou para não ofendêr as regras de metrificação do sr. Castilho. Da leitura dos seus poemas aprende-se a certeza de que Augusto de Santa Rita é Poeta por indole e estirpe. Os Sonetos «A origem da emoção no Canto»,

«A Párda Torre», «O halito de Deus», «O Céu» e, acima de todos, o, quasi inegalável a que chamou «O Regimento das Horas», atraem para Augusto de Santa Rita a admiração e o respeito de todos que sentem, «vivem» e pensam, por mais ávaros que sejam de seus cumprimentos e referencias de elogio.

Depois ha na obra de Augusto de Santa Rita qualquer coisa que me enebria e que me encanta; os seus versos são nóvos, de um Poeta moço que o sabe sêr. Nem pessimismos patétas, nem scepticismos baratos. Inconstante como todas as creaturas novas; ora alegre ora triste; ora limitando-se a descrever, ora pensando e sabendo traduzir com arte e elegancia os seus pensamentos, ele é predominantemente um homem bem-humorado, felis, cheio de uma Esperança juvenil e confiante, e dum Ideal alevantado e de requinte.

E' facto que no seu poema «Ideal Romantico» se encontram estes versos:

Mas a taça do Ideal tem no fundo um veneno
Não bebâmos por ella. O melhor é quebral-a.

Quanto, porem, de idealismo em quasi todas as demais paginas das «Praias do Misterio»...

Em synthese: a obra do Poeta que discutimos atesta fartas qualidades, e prométe muitas mais. E se ha extravagancias, — que são filhas da decadencia da epoca, — em algumas passagens do livro, tambem ha muita arte pura, que compensa o leitor... classico ou académico das suas indignações de momento.

As três princezas mortas num palacio em ruinas, por João Cabral do Nascimento. E' um livro de versos «sem enredo», — como dizia o pandego da anedocta, — apezár do titulo nos sugerir algum episodio desconhecido dos «Horrores de Torre de Londres», onde, — apezar das barulheiras da Historia, — apenas se mataram dois fracos principesinhos e fica, portanto, muito aquém da obra.

Abandonada a chalaça, observa-se que, por sêr um unico o motivo cantado em todos os 20 sonetos que compõem o livro, apezár da forma interessante porque o auctor nos fala de si e das suas princezas, o leitor ressent-se de um pouco de cansaço, após a leitura da obra, onde entretanto, existem indiscutíveis qualidades.

João Cabral do Nascimento é um Poeta em que podem encontrar-se influencias da obra de Pedro de Menêzes. Está, porem, longe de se deixar influenciar em excêso; muito ao contrario, mantem um accentuado cunho da sua personalidade, oferecendo-nos Sonetos muito pessoas e apreciáveis, como, por exemplo, os de paginas 5 e 8, dois preciosos documentos do que certificamos. Orientado nas singularidades de «escôla moderna», tem simbolismos felizes, a par de extravagancias mirabolantes. Em obras que venha a publicar, ha-de afastar-se destes ligeiros obices — e então tentará a perfeição para que já vae manifestando tendencias.

Germania — por João Carlos de Lemos. Resuscitam nesta obra os alexandrinos magestosos e violentos que tão harmonicamente se casam para o elogio, ou para o anatema, para a apologia ou para o insulto.

E' uma obra modestamente apresentada, mas cheia de versos cantantes, arroçados, cheios de sangue e de vigor.

Provocou-os a actual crise Europeia, e, João Carlos de Lemos, que presumimos um estreante, está bem á altura do Povo que condêna e a que lança a sua excomunhão.

Livro onde se sentem as pulsações de um coração de moço, onde a vida se agita indignadamente, achámo-lo tão cheio de merecimentos, tão oportuno e tão alevantado no seu Ideal, que o guardamos como a mais magnifica obra que todo este descalábro sem nome, que ha 2 anos nos salteia, tem provocado, para a lêrmos e fazermos lêr, com interesse, entusiasmo, e admiração pelo Espirito que a soube imaginar.

A. BUSTORFF.

* * *

No proximo Numero:

As Revistas de Arte Portuguesa: *Centauro*, *Es-finge* e *Gente Lusa*. — *Algumas notas pedagogicas* de Fernando Palyart Pinto Ferreira. *Comercio Internacional de Portugal* por Arnaldo Brazão, etc., etc.

■

Pelos teatros

REPUBLICA — O primeiro original que nesta epoca subiu á scena no teatro Republica, foi o drama historico em verso e quatro actos — *O Infante de Sagres* de Jaime Cortesão, que revelou bastante talento para a literatura teatral. A'parte uns leves senões que de futuro desaparecerão em outros trabalhos, como por exemplo as saíads precipitadas de scena, e personagens quasi desnecessarias, como a que foi interpretada por Luz Veloso, que nem chega a interessar o publico — *O Infante de Sagres* é no entanto a melhor peça de estreia nestes ultimos dez ou doze anos. Ferreira da Silva, o nosso maior actor e o mais insigne interprete do teatro moderno de complicadas psicologias, fóra do seu genero, num papel talhado para Eduardo Brazão, fez o que pôde, e fazendo o que podia, fez muito.

O segundo original representado neste mesmo teatro é *O ultimo senhor de S. Gião*, do delicado evocador da *Coimbra, terra de amores*, Vicente Arnoso, que obteve geraes e justissimos aplausos.

Aos domingos concerto pelo illustre maestro Pedro Blanch.

NACIONAL — Em seguida ao *Condenado*, representou-se neste teatro uma deliciosa comedia traduzida excelentemente por Acacio de Paiva — *O Filho Perdido*, em que appareceu Leonor Faria uma atriz de raras qualidades.

GINASIO — *Os trez noivos de Germana*, é com certeza uma das melhores comedias do vasto repertorio deste teatro. Maria Matos e Mendonça de Carvalho dão-lhe interpretações primorosas.

EDEN — *O Novo Mundo*, com o novo acto *Areias de Portugal*, melhorou, renovou-se, tornou-se outro, com a beleza de scenarios, com uma representação feliz e com todos os seus atrativos que não poucos.

AVENIDA — Teem-se representado neste teatro a *Rainha do Animatografo*, para estreia de Rayra de Sousa; o *Amor de Zingaros*, e a lindissima opereta *Eva* para reaparição da illustre e sempre querida actriz a senhora D. Palmira Bastos.

TRINDADE — Faleceu o seu director sr. Afonso

Casa VENTURA ABRANTES

(LIVRARIA EDITORA)

80, Rua do Alecrim, 82 — Lisboa

Telefone 870

Livraria das Novidades

DE

ANTONIO DOS SANTOS CAPELA

Rua da Marinha, 15 — FARO

**Livraria, Papelaria, Loterias, Tabacos
nacionais e estrangeiros**

Neste estabelecimento vendem-se e compram-se todos os livros para escolas e liceus, romances e obras scientificas. Recebem-se diariamente todas as novidades literarias, jornaes de modas, figurinos e publicações.

Grande sortimento em BILHETES POSTAIS

Assinaturas permanentes de todos os romances e mais obras. Descontos aos revendedores e estudantes. Encadernações a preços módicos.

Agente das principais casas de LISBOA

Depositario da ALMA NOVA, em Faro

**Livraria, tipografia, encadernação,
Fotogravuras, assinaturas, leilões e
Desenhos de capas e illustração por**

SAAVEDRA MACHADO

SEMENTES

Hortalicas,
flores,
arvoredo,
cereais,
pastos,
etc.

Pedidos a
Alfredo Car-
neiro de
Vasconcellos
& Filhos



105, Rua de S. João, 111 — PORTO

Fabrica Industrial 1.º de Maio

SERRALHARIA MECANICA E CIVIL

FUNDIÇÃO DE FERRO E BRONZE



MANUEL CARVALHO

RUA INFANTE D. HENRIQUE, 186 — FARO

Construção de Poços Artesianos. — Vendem-se materiaes para os mesmos

Esta casa, que é no genero a primeira da provincia do Algarve, encarrega-se de todos os trabalhos mecanicos e civis. Constróem-se engenhos de noras de todas as qualidades, com a maior ligeireza, solidez e perfeição. Fazem-se charruas de todos os tamanhos, maquinas de debulhar milho, colunas, tubaria e todos os utensilios agricolas. Ninguem deixe de comprar n'esta casa, visto que em parte alguma do país se fabricam e vendem estes generos em melhores condições.

Preços sem competencia  **Ninguem compre sem visitar esta importante fabrica**

Taveira que foi o melhor ensaiador de opereta entre nós, mas, no entanto, a companhia tem realizado as suas recitas com o costumado brilho. A peça nova é os *Ares de Paris* que agradou muito.

APOLO — Continua em scena a *Folha Corrida* que por mais corrida e vista nunca envelhece e cança. Repete-se todas as noites.

POLITEAMA — Animatografo todas as noites, e aos domingos concertos dirigidos pelo nosso illustre maestro sr. David de Sousa.

Cartaz permanente

SALÃO FOZ — Todas as semanas estreias de numeros de sensação.

RUA DOS CONDES — Magnificos espectaculos animatograficos todas as noites. Luxo e distincção.

OLIMPIA — Sempre escolhidos programas com excelentes films.

CHIADO TERRASSE — Concertos e cinematografo. Todas as noites espectaculos.

SALÃO DA TRINDADE — Os melhores programas de cinematografo. Todas as noites espectaculos.

SALÃO CENTRAL — Magnificos espectaculos e concorrência distincta, todas as noites.

J. R.

V A G O